



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA

GABRIELA DUARTE DE MORAIS

**PERCEPÇÃO DOS TUTORES DE CÃES E GATOS ATENDIDOS NO HOSPITAL
VETERINÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA QUANTO À
IMPORTÂNCIA DA VACINAÇÃO**

AREIA

2022

GABRIELA DUARTE DE MORAIS

**PERCEPÇÃO DOS TUTORES DE CÃES E GATOS ATENDIDOS NO HOSPITAL
VETERINÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA QUANTO À
IMPORTÂNCIA DA VACINAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Medicina Veterinária pela
Universidade Federal da Paraíba.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre José Alves.

Coorientador: Ma. Dayana Inocência da
Costa.

AREIA

2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M827p Moraes, Gabriela Duarte de.

Percepção dos tutores de cães e gatos atendidos no Hospital Veterinário da Universidade Federal da Paraíba quanto à importância da vacinação / Gabriela Duarte de Moraes. - Areia:s.n, 2022.

51 f. : il.

Orientação: Alexandre José Alves.

Coorientação: Dayana Inocência da Costa.

TCC (Graduação) - UFPB/CCA.

1. Medicina Veterinária. 2. Medicina veterinária preventiva. 3. Imunização. 4. Animais de estimação. I. Alves, Alexandre José. II. Costa, Dayana Inocência da. III. Título.

UFPB/CCA-AREIA

CDU 636.09(02)

GABRIELA DUARTE DE MORAIS

PERCEPÇÃO DOS TUTORES DE CÃES E GATOS ATENDIDOS NO HOSPITAL
VETERINÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA QUANTO À
IMPORTÂNCIA DA VACINAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Medicina Veterinária pela
Universidade Federal da Paraíba.

Aprovado em: 16/12/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Alexandre José Alves
DCV/CCA/UFPB
SIAPE: 338547-1

Prof. Dr. Alexandre José Alves (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Ma. Dayana Inocência da Costa (Coorientadora)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Prof. Dr. Inácio José Clementino
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Toda honra e toda glória sejam dadas ao Senhor Jesus,
meu Salvador e Redentor! A Ti dedico, Senhor Deus!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço imensamente a Deus, o meu criador, eu não teria conseguido sem Ti ao meu lado todos os dias. Não tenho palavras para agradecer o Seu amor por mim, em ter dado o Seu Único Filho Jesus Cristo para me salvar. O louvo e agradeço por todos os dias me levantar a cada manhã, e nos momentos de medo e tristeza tão longe de casa, o Senhor me acalmou, sustentou e levantou, sempre me trazendo alegria. Muito obrigada por Tua bondade e fidelidade, mesmo sem eu merecer sempre estive e sempre estará comigo. Muito obrigada por nunca ter desistido da minha vida. Que a minha vida seja para Te honrar e Te adorar Jesus Cristo, meu Redentor e Salvador. Minha fé e esperança sempre estarão em Ti.

Aos meus pais, Cicero Gomes de Moraes Filho e Rosangela Maria Duarte de Moraes, muito obrigada por todo sacrifício que fizeram para que hoje eu estivesse aqui, agradeço a Deus por ter me dado pais tão maravilhosos e incríveis assim, muito obrigada por sempre me apoiarem e não somente acreditarem no meu sonho, mas viverem ele comigo e ajudaram para que se tornasse realidade. Muito obrigada por todas as orações, palavras de ânimo, por chorarem quando chorei e por sempre se alegrarem com a minha alegria, por estarem sempre ao meu lado. Essa vitória é de vocês também! Eu os amo muito para sempre e sempre.

Ao meu esposo, Thiago Kevin Araújo Michiles, louvo a Deus por sua vida, não tenho palavras para te agradecer, muito obrigada por tudo que fez e faz por mim. Muito obrigada por todo companheirismo, carinho e paciência em todo tempo, por me apoiar e não me deixar desistir, e principalmente obrigada por ser quem és, o meu melhor amigo e o meu príncipe do Senhor para todo sempre. És um presente de Deus para mim. Essa vitória também é sua! Eu te amo para sempre e sempre.

Aos meus irmãos, Gabriel Duarte de Moraes e Gisela Duarte de Moraes, vocês são os melhores irmãos que alguém poderia ter, muito obrigada por todo apoio, pelos momentos de diversão, risadas, por acreditarem em mim e por me ajudar durante todo esse tempo em tudo. Louvo a Deus pelas suas vidas. Essa vitória é de vocês também! Eu os amo muito para sempre e sempre.

A toda minha família e irmãos em Cristo, muito obrigada por acreditarem em mim e por sempre orarem por minha vida. Deus os abençoe sempre.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Alexandre José Alves, muito obrigada por ter aceitado me orientar, por toda ajuda e durante a graduação sempre ter acreditado em mim. Muito obrigada por toda paciência. Que Deus o abençoe.

A minha coorientadora, Dayana Inocêncio da Costa, muito obrigada por me ouvir, pela ajuda e pelas palavras de ânimo. Foi um prazer ter conhecido você durante a graduação, que Deus a abençoe.

Aos meus amigos, Azarias Lêmos, Igor Carvalho, Jéssica Mayara e Michelly Almeida, muito obrigada por deixar a graduação mais leve, é clichê, mas de fato é isso, vocês são os melhores. Muito obrigada pela paciência, pelos encontros cheios de risos, pela amizade. Vocês são muito especiais para mim. E a Seu Expedito, aquele sempre disponível a ajudar, com a maior paciência do mundo, muito obrigada por todo apoio durante esses anos. Que Deus os abençoe.

E por último, mas não menos importante, muito obrigada a todos os animais que já tive oportunidade de ter como parte da minha família, Zeus, Romeu, Poof, Bolachinha, Cancão (in memoriam), com muito amor e enorme saudade. Muito obrigada Gatinho, Lily, Chaves, Messi, Belinha, Mily, Nick, Apolo, Kiwi, Miguel, Tobias, Chanel, Tigresa, Gertrudes, Bento, Gigi, Toby, Mulan, Catarina e a tantos outros pets incríveis que conheço e amo. Vocês me motivam a viver esse sonho.

A todos vocês dedico!

RESUMO

O crescente número de animais de estimação a cada ano nas famílias brasileiras é notório, assim para manter a saúde desses animais e combater zoonoses, se faz necessário que os tutores tenham um maior conhecimento sobre medidas preventivas como a vacinação e a sua importância para a prevenção das mais diversas doenças, visto que essa é uma das principais formas de promover a saúde animal e a prevenir zoonoses. Assim, o presente estudo teve por objetivo analisar a percepção dos tutores de cães e gatos atendidos no Hospital Veterinário da Universidade Federal da Paraíba em Areia – PB quanto à importância da vacinação, bem como saber se possuíam orientação veterinária acerca da temática, avaliar os seus conhecimentos sobre as vacinas existentes para cães e gatos, com quais vacinas os animais eram vacinados, se eram ou não vacinados com outras vacinas além da antirrábica, se não eram, qual seria o motivo e ainda como eram realizadas outras formas de cuidado preventivo como vermifugação e o controle de ectoparasitas. Para isso foi realizado um questionário com 106 tutores de cães e gatos atendidos no hospital veterinário, no qual havia 25 perguntas de múltipla escolha. Observou-se que a maioria dos cães eram vacinados com vacinas antirrábica e polivalente, já a maioria dos gatos possuíam apenas antirrábica; foi considerável o número de tutores que não sabiam sobre a vacina polivalente para esta espécie. Ainda, boa parte dos tutores afirmaram não terem recebido orientações veterinárias quanto à importância da vacinação, e um dos principais motivos elencados para a não realização da vacina polivalente foi a falta de conhecimento sobre ela. Dessa forma, é essencial uma maior conscientização dos tutores quanto à vacinação de seus animais, por meio de ações educacionais nas quais haja orientação do médico veterinário.

Palavras-Chave: imunização; medicina veterinária preventiva; animais de estimação.

ABSTRACT

The growing number of pets each year in Brazilian families is notorious, so to maintain the health of these animals and fight zoonoses, it is necessary that guardians have greater knowledge about preventive measures such as vaccination and its importance for the prevention of various diseases, since this is one of the main ways to promote animal health and prevent zoonoses. Thus, the present study aimed to analyze the perception of dogs and cats guardians seen at the Veterinary Hospital of the Federal University of Paraíba in Areia - PB about the importance of vaccination, as well as to know if they had veterinary advice on the subject, to evaluate their knowledge about the existing vaccines for dogs and cats, which vaccines the animals were vaccinated, whether or not they were vaccinated with vaccines other than rabies, if they were not, what would be the reason and also how other forms of preventive care such as deworming and ectoparasites control were performed. For this, a questionnaire was given to 106 dog and cat guardians seen at the veterinary hospital, with 25 multiple choice questions. It was observed that most dogs were vaccinated with rabies and polyvalent vaccines, while most cats had only rabies vaccine; the number of guardians who did not know about the polyvalent vaccine for this species was considerable. Moreover, most guardians said they had not received veterinary advice on the importance of vaccination, and one of the main reasons listed for not performing the polyvalent vaccine was the lack of knowledge about it. Thus, it is essential to raise awareness of the guardians about the vaccination of their animals, through educational activities in which there is guidance from the veterinarian.

Keywords: immunization; preventive veterinary medicine; pet animals.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 –	Distribuição em percentagem das respostas dos tutores em relação ao grau de escolaridade	25
Gráfico 2 –	Distribuição em percentagem das respostas dos tutores com relação a sua moradia, se em zona rural ou zona urbana	26
Gráfico 3 –	Distribuição em percentagem das respostas dos tutores com relação a possuírem acesso à internet ou não	26
Gráfico 4 –	Distribuição em percentagem das respostas dos tutores com relação à renda familiar	27
Gráfico 5 –	Distribuição em percentagem das respostas dos tutores com relação a espécie que está sob sua guarda	28
Gráfico 6 –	Distribuição em percentagem das respostas dos tutores com relação a qual espécie de animal de estimação eles trouxeram para atendimento no HV-UFPB	28
Gráfico 7 –	Distribuição em percentagem das respostas dos tutores com relação ao sexo do animal em atendimento	29
Gráfico 8 –	Distribuição em percentagem dos animais do estudo por faixa etária	30
Gráfico 9 –	Distribuição em percentagem acerca do ambiente em que os animais do estudo vivem e/ou possuem acesso	31
Gráfico 10 –	Distribuição em percentagem dos animais que possuíam contato com outros animais	31
Gráfico 11 –	Distribuição em percentagem dos animais do estudo que possuem contato com roedores	32
Gráfico 12 –	Distribuição em percentagem das respostas dos tutores com relação a frequência que costumam levar seu animal ao Médico Veterinário	33
Gráfico 13 –	Distribuição em percentagem das respostas dos tutores sobre saberem ou não a importância da vacinação em cães e gatos	33

Gráfico 14 –	Distribuição em percentagem das respostas dos tutores sobre já terem sido	34
	informados por um médico veterinário acerca da importância da vacinação	
	em cães e gatos	
Gráfico 15 –	Distribuição em percentagem das respostas dos tutores sobre qual a fonte	35
	que mais utilizam para buscar informações relacionadas a saúde de seus	
	animais	
Gráfico 16 –	Distribuição em percentagem das respostas dos tutores sobre o	36
	conhecimento prévio das vacinas existentes para cães e gatos	
Gráfico 17 –	Distribuição em percentagem das respostas total dos tutores sobre o	36
	conhecimento prévio das vacinas antirrábica e/ou polivalente para os	
	cães.....	
Gráfico 18 –	Distribuição em percentagem das respostas total dos tutores sobre o	37
	conhecimento prévio das vacinas antirrábica e/ou polivalente para os	
	gatos.....	
Gráfico 19 –	Distribuição em percentagem das respostas dos tutores com relação às	38
	vacinas que os cães do estudo foram vacinados	
Gráfico 20 –	Distribuição em percentagem das respostas dos tutores com relação às	39
	vacinas que os gatos do estudo foram vacinados	
Gráfico 21 –	Distribuição em percentagem das respostas dos tutores com relação a quem	40
	realiza a vacina em seu animal	
Gráfico 22 –	Distribuição em percentagem das respostas dos tutores com relação a	43
	presença de ectoparasitas no animal	
Gráfico 23 –	Distribuição em percentagem das respostas dos tutores com relação ao	43
	controle de ectoparasitas no animal	
Gráfico 24 –	Distribuição em percentagem das respostas dos tutores com relação a	44
	vermifugação do seu animal	

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1 - Distribuição das respostas dos tutores com relação ao reforço vacinal anual 41
dos seus animais, em frequência absoluta (N) e frequência relativa (%)
.....
- Tabela 2 - Distribuição das respostas dos tutores com relação ao motivo pelo qual não 42
vacina seu animal com a polivalente, em frequência absoluta (N) e frequência
relativa (%)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABINPET	Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação
ANCLIVEPA	Associação Nacional de Clínicos Veterinários de Pequenos Animais
CAV-1	Adenovirus Canino Tipo 1
CDV	Vírus da Cinomose Canina
COLAVAC	Comitê Latino Americano de Vacinologia em Animais de Companhia
CPV-2	Parvovírus Canino Tipo 2
DF	Distrito Federal
FCV	Calicivírus Felino
FelV	Vírus da Leucemia Felina
FHV-1	Herpesvírus Felino-1
FPV	Panleucopenia Felina
FVP	Parvovírus Felino
HV – UFPB	Hospital Veterinário da Universidade Federal da Paraíba
OMS	Organização Mundial da Saúde
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
WSAVA	Associação Veterinária Mundial de Pequenos Animais

LISTA DE SÍMBOLOS

% Porcentagem

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	REVISÃO DE LITERATURA	16
2.1	VACINAS ESSENCIAIS (RECOMENDADAS) PARA CÃES E GATOS.....	16
2.1.1	Raiva em cães e gatos	16
2.2	VACINAS ESSENCIAIS (RECOMENDADAS) PARA CÃES	17
2.2.1	Cinomose	17
2.2.2	Parvovirose	18
2.2.3	Hepatite infecciosa canina	19
2.2.4	Leptospirose canina	20
2.3	VACINAS ESSENCIAIS (RECOMENDADAS) PARA GATOS	21
2.3.1	Panleucopenia felina	21
2.3.2	Rinotraqueíte viral felina e calicivirose felina	22
3	METODOLOGIA	24
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	25
5	CONCLUSÃO	45
	REFERÊNCIAS	46
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO	50

1 INTRODUÇÃO

A distribuição e o crescente número de animais de companhia no Brasil têm se tornado cada vez mais evidentes e, segundo dados levantados pela Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação (ABINPET) até o ano de 2021, a população de animais de estimação no Brasil era de 149,6 milhões, destes, 58,1 milhões são de cães e 27,1 milhões são de gatos, tornando a nossa nação o terceiro país com maior número de animais de companhia domiciliados (ABINPET, 2022)

Logo, com esse aumento anual de cães e gatos adotados, há a necessidade de conscientização dos tutores acerca da guarda responsável, essa consistindo em medidas básicas que uma família ou tutor que decida adotar um animal de estimação deve seguir. Dentre esses cuidados temos: fornecimento de abrigo, higiene, uma adequada alimentação, desparasitação, consulta com médico veterinário, vacinação e respeito às particularidades e necessidade de cada espécie (IBRAM, 2021).

Sendo a vacinação o mecanismo mais eficiente para prevenção de diversas enfermidades, o principal objetivo desta prática consiste em proteger o animal contra a infecção de um antígeno e interrupção da transmissão de algumas doenças, dentre elas a parvovirose, a cinomose e a raiva. (ALVES, 2020; CARON *et al.*, 2016). Em concordância com Gila (2020) que ressalta a vacinação como um importante meio da saúde preventiva tanto para os animais quanto para a saúde pública, tendo em vista a transmissão de zoonoses.

Apesar de grande parte dos tutores julgar necessário manter a vacinação de seus pets sempre atualizada, ainda é evidente a quantidade de proprietários que não respeitam os protocolos corretamente (PIRES e CORREA, 2020). Dessa maneira, a realização da vacinação de forma adequada é de responsabilidade não somente dos médicos veterinários, mas também dos tutores que detêm a guarda dos seus animais. Sendo a falta de informações dos tutores, acerca das doenças que podem acometer cães e gatos, e os meios de prevenção, um dos fatores que interferem na adequada imunização, é imprescindível que eles tenham maiores conhecimentos acerca da vacinação e sua importância, fazendo-se necessário também uma ligação entre tutor e médico veterinário, para que este lhes passe as informações e orientações corretas (SANTOS, B. 2021).

Mediante o exposto, o presente estudo tem por objetivo conhecer mais sobre quão informados são os tutores de cães e gatos, atendidos no Hospital Veterinário da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) em Areia – Paraíba, acerca da importância da vacinação de seus animais de companhia, bem como obter dados que possam servir de parâmetro para adoção de medidas de conscientização dos tutores acerca desta temática e que possam servir como base para a elaboração de outros estudos desta natureza.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 VACINAS ESSENCIAIS (RECOMENDADAS) PARA CÃES E GATOS

As vacinas essenciais são aquelas que devem ser aplicadas em todos os cães e gatos independentemente do estilo de vida ou de qual país residam. Elas conferem imunidade contra as doenças infecciosas globalmente relevantes, durante toda a vida do animal (DAY *et al.*, 2016; DAY *et al.*, 2020). Ainda, para a realidade do nosso país foram desenvolvidas pelo Comitê Latino Americano de Vacinologia em Animais de Companhia (COLAVAC) e a Associação Nacional de Clínicos Veterinários de Pequenos Animais (ANCLIVEPA-BR), diretrizes de vacinação específicas, com base nas recomendações da Associação Veterinária Mundial de Pequenos Animais (WSAVA, do inglês World Small Animal Veterinary Association) (SANTOS, B. 2021).

Baseando-se nessas diretrizes as vacinas essenciais caninas conferem proteção contra Cinomose Canina (CDV), o Adenovírus Canino (CAV; tipos 1 e 2), Parvovírus canino tipo 2 (CPV-2) e suas variantes, Leptospirose (*Leptospira interrogans* sorovares Canicola, Icterohaemorrhagiae, Pomona e Grippotyphosa) e Raiva. (DAY *et al.*, 2016; DAY *et al.*, 2020).

Já para os felinos as vacinas essenciais são aquelas que conferem proteção contra a Panleucopenia Felina (FPV), o Herpesvírus felino tipo 1 (FHV-1), o Calicivírus Felino (FCV) e Raiva (DAY *et al.*, 2020). A vacina contra a Leucemia Viral Felina (FeLV) é considerada não essencial pela WSAVA, no entanto o Médico Veterinário pode recomendar a vacinação do gato dependendo do alto risco de exposição regional, ambiente em que o animal vive e estilo de vida do mesmo (DAY *et al.*, 2016).

Como a vacina antirrábica é tida como essencial no Brasil para as duas espécies objetos deste trabalho será abordada neste tópico.

2.1.1. Raiva em cães e gatos

A raiva é uma zoonose de extrema importância para saúde pública, ela atua comprometendo o sistema nervoso central resultando em encefalite aguda, de curso agudo e letal. É causada pelo vírus do gênero *Lyssavirus*, da família *Rabhdoviridae* (ALVES, 2020).

Sua principal forma de transmissão é por contato direto com a saliva de animais infectados, por meio de mordedura ou lambidura, ou ainda por arranhadura. Acometendo mamíferos domésticos e silvestres (SANTOS, B. 2021).

De acordo com Day *et. al.* (2020), após os programas de vacinação em massa, os casos de humanos e cães acometidos pela raiva, nos últimos vinte anos, foram reduzidos em torno de 90% na América Latina. No Brasil, o Programa Nacional de Profilaxia da Raiva foi criado em 1973, esse responsável por regulamentar as campanhas anuais de vacinação, visando atingir uma cobertura vacinal de 80% dos animais de cada região, assim atendendo recomendações da Organização Mundial da Saúde para manter a doença sob controle (ALVES, 2020).

Segundo dados informados pelo Ministério da Saúde, no Brasil foram registrados 451 casos de raiva em cães e gatos no período de 2010 até última atualização em junho de 2022; e 45 casos de raiva humana do período de 2010 até agosto de 2022, desses casos nove foram infectados por cães e cinco por gatos. No entanto, o número de casos tanto de raiva humana como de raiva em cães e gatos têm diminuído consideravelmente se comparado aos últimos anos (BRASIL, 2022).

Logo, a conscientização dos tutores e a vacinação dos animais domésticos é necessária, visto que com a implementação de ações do Programa Nacional de Profilaxia da Raiva (PNPR), dentre elas a vacinação antirrábica de cães e gatos em todo país, os casos de raiva urbana decaíram ao longo dos anos, possibilitando assim o controle significativo dessa enfermidade em nossa nação (ALVES, 2020; BRASIL, 2022).

Em relação a sua vacina, trata-se de uma vacina não infectante. O protocolo para cães com menos de 16 semanas deve-se iniciar a partir de 12 semanas, com dose única. Para os que tem mais de 16 semanas também é dose única. O reforço deve ser feito com 1 ano de idade, e depois deve seguir a legislação vigente, no caso do Brasil é anualmente (LABARTHE *et al.*, 2016; SANTOS, B., 2021).

2.2 VACINAS ESSENCIAIS (RECOMENDADAS) PARA CÃES

2.2.1 Cinomose

A cinomose canina é uma doença de grande relevância mundial, por conta da sua alta taxa de mortalidade e morbidade nos cães (PORTELA; LIMA; MAIA, 2017). É causada por um vírus do gênero *Morbillivirus* da família *Paramyxoviridae*, denominado Vírus da

Cinomose Canina (CDV, do inglês *Canine Distemper Virus*). Cães de qualquer idade, raça ou sexo, que estejam imunossuprimidos ou não foram devidamente imunizados, estão suscetíveis a infecção pelo CDV, no entanto há uma maior frequência em cães de 3 a 6 meses de idade (GREENE, 2015; SANTOS, B. 2021).

Sua principal forma de transmissão é por meio de aerossóis e, secreções e excreções de animais infectados, podendo afetar o sistema respiratório, digestório e nervoso, resultando em variados sinais clínicos como secreção nasal e ocular, mioclonias, febre, diarreia, convulsões, ataxia, vômito, anorexia, entre outros, estes também dependendo do estado de saúde do animal e ambiente em que ele vive (GREENE, 2015; PORTELA; LIMA; MAIA, 2017).

Segundo DAY *et. al.* (2020), no Brasil a prevalência da cinomose canina variou de menor que 10% a 41-50%, quando diagnosticado com base em estudos moleculares, já quando diagnosticado por sorologia, houve variação de 10-20% a maior que 70%. Em nosso país é uma doença endêmica, causando anualmente a morte de milhares de cães acometidos por essa enfermidade. Logo, medidas preventivas são essenciais no controle da cinomose, sendo a vacinação adequada dos cães, a forma mais eficiente de prevenção (SANTOS, B. 2021; PORTELA; LIMA; MAIA, 2017).

A respeito da vacina, trata-se de uma vacina infectante. O protocolo para cães com menos de 16 semanas deve-se iniciar entre a 6ª e 8ª semana, com repetições a cada 3 a 4 semanas, sendo recomendado que a última seja após 16 semanas. Para os que tem mais de 16 semanas, deve ser realizado 2 doses com intervalo de 3 a 4 semanas. O reforço deve ser feito com 1 ano, e após isso a cada 2 anos (LABARTHE *et al.*, 2016; SANTOS, B., 2021).

2.2.2 Parvovirose

A parvovirose canina é uma doença infecciosa altamente contagiosa, considerada na medicina de cães e gatos uma das afecções gastroentéricas de maior relevância. Causada por um vírus da família *Parvoviridae*, denominado parvovírus canino tipo 2 (CPV-2) e variantes que surgiram ao longo do tempo, CPV-2a, CPV-2b e CPV-2c, sendo esses dois últimos considerados os mais predominantes no Brasil. Pelo fato de o CPV-2 ser um vírus DNA, com fita simples, não envelopado, é altamente resistente no ambiente, podendo sobreviver durante meses (SANTANA *et al.*, 2019; MELO *et al.*, 2021).

O CPV-2 acomete principalmente filhotes logo após desmame, no entanto, cachorros adultos ou idosos, não vacinados ou imunocompetentes, podem ser acometidos por ele (SANTANA *et al.*, 2019). Sua principal forma de transmissão é pela via oro-nasal, no entanto pode ser também transmitido indiretamente através do ambiente com fezes de animais infectados ou fômites (GREENE, 2015; MARINGA *et al.*, 2022). Como mencionado anteriormente, é uma importante afecção do trato gastrointestinal em cães, devido o vírus possuir tropismo por células com grandes replicações, a exemplo da medula óssea e as células intestinais, à medida que ele vai se replicando há destruição dessas células, isso então resulta em variados sinais clínicos como hematoquezia, anorexia, êmese, melena, apatia, entre outros (SANTANA *et al.*, 2019; MELO *et al.*, 2021; OLIVEIRA, 2022).

De acordo com Santos, B. (2021), a parvovirose canina, causada pelo CPV-2, se tornou endêmica no Brasil, após aparecimento da infecção em meados dos anos 80. Portanto, para reduzir a incidência dessa enfermidade, é de extrema necessidade a vacinação dos cães jovens, para aumentar a imunidade do rebanho e reduzir a disseminação do vírus. Bem como outros cuidados preventivos, como a vermifugação, assim como relata Melo *et al.* (2021), cães que são vermifugados adequadamente são menos suscetíveis a infecção pelo CPV-2, visto que parasitas intestinais irão aumentar a gravidade da doença.

Em se tratando da vacina, ela é uma vacina infectante. O protocolo para cães com menos de 16 semanas deve-se iniciar entre a 6ª e 8ª semana, com repetições a cada 3 a 4 semanas, sendo recomendado que a última deve ser após 16 semanas. Para os que tem mais de 16 semanas, deve ser realizado 2 doses com intervalo de 3 a 4 semanas. O reforço deve ser feito com 1 ano, e após isso a cada 2 anos (LABARTHE *et al.*, 2016; SANTOS, B., 2021).

2.2.3 Hepatite infecciosa canina

A hepatite infecciosa canina (HIC) é atualmente considerada uma doença rara nos países da América Latina, possui como agente etiológico o adenovírus canino tipo 1 (CAV-1), o qual pertence ao gênero *Mastadenovirus*, da família *Adenoviridae*. Esse vírus possui tropismo pelas células endoteliais e células do fígado, atua lesionando os hepatócitos, o que pode resultar em necrose celular e insuficiência (OLIVEIRA *et al.*, 2011; SANTOS, B. 2021).

O CAV-1 acomete principalmente cães com menos de um ano de idade, no entanto animais adultos não vacinados podem ser acometidos também (GREENE, 2015). Sua transmissão ocorre por via oronasal, em contato direto ou indireto com saliva, urina ou fezes

de cães infectados, e ainda por fômites. Os sinais clínicos vão depender de onde está ocorrendo a replicação viral, então varia de anorexia, diarreia, dor abdominal, febre até alterações neurológicas (GONÇALVES *et al.*, 2020).

No Brasil, existem alguns casos confirmados de HIC, no entanto a incidência tem sido muito baixa. Em estudo realizado por Oliveira *et al.*, (2011), na Universidade Federal do Rio Grandedo Sul, foram revisados 6.993 registros de necropsia em cães, desses registros apenas 23 cães foram diagnosticados com HIC. Em outro estudo, de 5361 relatórios de necropsia em cães revisados, apenas 62 deles foram diagnosticados com HIC (INKELMANN *et al.*, 2007).

Essa baixa prevalência da hepatite infecciosa canina, é devido a eficácia da vacinação nos animais contra a infecção por CAV-1. Logo, para que ela continue controlada entre os cães, é necessário que a vacina esteja sempre em dia (GONÇALVES *et al.*, 2020; SANTOS, B. 2021).

Sobre a vacina para esta enfermidade, é uma vacina infectante. O protocolo para cães com menos de 16 semanas deve-se iniciar entre a 6ª e 8ª semana, com repetições a cada 3 a 4 semanas, sendo recomendado que a última deve ser após 16 semanas. Para os que tem mais de 16 semanas, deve ser realizado 2 doses com intervalo de 3 a 4 semanas. O reforço deve ser feito com 1 ano, e após isso a cada 2 anos (LABARTHE *et al.*, 2016; SANTOS, B., 2021).

2.2.4. Leptospirose canina

A Leptospirose Canina é uma importante zoonose de distribuição mundial, que pode acometero homem e diversas espécies de animais domésticos e selvagens. Diferente das outras enfermidades até aqui comentadas, é causada por bactérias espiroquetas patogênicas, pertencente ao gênero *Leptospira*, sendo a espécie *Leptospira interrogans sensu lato* que contém todas as cepas patogênicas e inúmeros sorovares (GREENE, 2015; SANTOS, A. e SANTOS, H., 2021).

Trata-se de uma enfermidade sistêmica que afeta principalmente fígado e rins (GREENE, 2015). Sua transmissão pode ser por contato direto com urina ou sangue de animais infectados, ou de maneira indireta no qual animais suscetíveis são expostos a fontes de água, solo úmido e alimentos contaminados (GREENE, 2015; SILVA *et al.*, 2020). Os principais reservatórios da doença são os ratos, no entanto no meio urbano, uma outra potencial fonte de

transmissão dessa zoonose é o cachorro doméstico, esse desempenhando grande relevância no ciclo da doença (SANTOS, A. e SANTOS, H., 2021; SILVA *et al.*, 2020).

De acordo com Santos e Santos (2021), no Brasil há maior transmissão da leptospirose canina em época de enchentes, longos períodos de chuva, devido o contato dos cães com água ou lama contaminadas com a urina de ratos.

Haja vista o aumento dos casos de infecções causadas pela leptospira em cães não vacinados e com acesso livre a rua que podem se infectar por meio de água ou lama contaminadas (SANTOS, A. e SANTOS, H., 2021), a imunização dos cães tem sido bastante eficaz para controle e gravidade da leptospirose canina (GREENE, 2015), sendo uma importante medida profilática, principalmente quando os cães são vacinados com as vacinas contendo os sorovares presentes na sua região (ODORIZZI, 2018). Além da vacina, outros cuidados preventivos devem ser tomados, como limpeza do ambiente em que o animal vive, evitar o contato dos cães com ratos, manejo adequado na alimentação e água fornecida ao animal, entre outros (GREENE, 2015; SANTOS, A. e SANTOS, H., 2021).

Quanto a vacina, trata-se de uma vacina não infectante. O protocolo para cães com menos de 16 semanas deve-se iniciar entre a 10ª e 12ª semana, com repetições a cada 3 a 4 semanas, sendo recomendado que a última deve ser após 16 semanas. Para os que tem mais de 16 semanas, deve ser realizado 2 doses com intervalo de 3 a 4 semanas. O reforço deve ser feito com 1 ano, e após isso anualmente (LABARTHE *et al.*, 2016; SANTOS, B., 2021).

2.3. VACINAS ESSENCIAIS (RECOMENDADAS) PARA GATOS

2.3.1. Panleucopenia felina

A Panleucopenia Felina (FPV) é uma doença infectocontagiosa que acomete tanto os felinos domésticos como os selvagens, é causada por vírus do gênero *Protoparvovirus*, da família *Parvoviridae*, denominado parvovírus felino (FVP), esse vírus desencadeia infecção entérica aguda (DOMINGUES, 2018; SANTOS, 2021). Acredita-se que o CPV-2 é uma variação dele, visto semelhança genética, estrutural e antigênica, inclusive há relatos de felinos sendo acometidos pelo CPV-2 (GREENE, 2015; DOMINGUES, 2018; FONSECA, 2019). E assim como o CPV-2, o FPV é altamente resistente no ambiente, o que facilita sua permanência numa população de gatos (GREENE, 2015).

Acomete principalmente gatos com menos de 1 ano de idade, não vacinados, no entanto também pode acometer gatos de qualquer idade com imunossupressão (CASTRO *et al.*, 2014; GILA, 2020; SANTOS, B. 2021). A principal forma de transmissão do FVP, é por contato indireto de gatos suscetíveis com ambientes contaminados, sendo fômites contaminados uma das principais fontes de infecção, visto a alta resistência do vírus no ambiente (GREENE, 2015). De acordo com Domingues (2018), o FPV é disseminado principalmente em locais com superpopulação de gatos, como por exemplo os gatis e casas com inúmeros animais. Logo, por mais que ao longo dos últimos 20 anos a prevalência da panleucopenia felina tenha diminuído, por conta da vacinação como medida preventiva, onde há muitos relatos dessa enfermidade em abrigos, cujo tem muitos animais sem histórico de vacinação conhecido. (DOMINGUES, 2018; GREENE, 2015).

Em relação a sua vacina, trata-se de uma vacina infectante. O protocolo para gatos com menos de 16 semanas deve-se iniciar entre a 6ª e 8ª semana, com repetições a cada 3 a 4 semanas, sendo recomendado que a última deve ser após 16 semanas. Para os que tem mais de 16 semanas, deve ser realizado 2 doses com intervalo de 3 a 4 semanas. O reforço deve ser feito com 1 ano, e após isso a cada 3 anos (LABARTHE *et al*, 2016; SANTOS, B., 2021).

2.3.2. Rinotraqueíte viral felina e calicivirose felina

A Rinotraqueíte Viral Felina e a Calicivirose Felina são doenças que afetam sobretudo o trato respiratório superior dos felinos, causadas pelos Herpesvírus felino tipo 1 (FHV-1) e pelo Calicivírus Felino (FCV), respectivamente. Sendo esses dois também, os principais agentes que fazem parte do que é conhecido como Complexo Respiratório Felino, doença infectocontagiosa com alta prevalência em locais com superpopulação de animais, como por exemplo os gatis (GREENE, 2015; SANTOS, B. 2021).

O FHV-1 faz parte da família *Herpesviridae*, gênero *Varicellovirus* (ROCHA, 2021), já o FCV faz parte da família *Caliciviridae*, gênero *Vesivirus* (CARVALHO, 2020), sendo o primeiro vírus não tão resistente no ambiente quanto o segundo, podendo o FCV sobreviver durante semanas enquanto que o FHV-1 sobrevive por algumas horas (GREENE, 2015).

A transmissão desses dois agentes etiológicos ocorre principalmente por contato direto com secreção nasal, ocular ou oral de gatos infectados, no entanto fômites também podem ser fonte de contaminação, principalmente em abrigos ou gatis (RODRIGUES, 2012; GREENE,

2015). Há maior suscetibilidade dessa enfermidade em gatos filhotes, não vacinados ou gatos imunossuprimidos de qualquer idade, no entanto é mais frequente e pode se manifestar de maneira mais grave em filhotes (NOGUEIRA, 2018).

Outro ponto extremamente importante quando se trata desses dois agentes, é que ambos tornam o felino portador, ou seja, fatores como estresse, que é frequente em ambientes com superpopulação de animais, podem desencadear novamente a eliminação do vírus pelo gato portador e consequentemente disseminar a infecção para outros animais, por essa razão ela é bastante comum em abrigos ou gatis (RODRIGUES, 2012; LOPES, 2013; GREENE, 2015; NOGUEIRA, 2018; GILA, 2020; SANTOS, 2021).

Quando se fala da prevenção, é muito importante vacinar os animais, principalmente os de alto risco de exposição, bem como cuidar do manejo geral desses animais, como limpeza do ambiente e evitar o estresse dos mesmos (RODRIGUES, 2012; GREENE, 2015). E como já mencionado anteriormente, a vacina contra esses dois vírus é tida como essencial. Todavia, de acordo com Greene (2015), tanto o FHV-1 como FCV já estão bastante disseminados entre os gatos e, é frequente a existência de portadores no meio de uma população de felinos, então normalmente se faz necessária a ação combinada de vacinação e tratamento para prevenir e controlar essas doenças.

Sobre as vacinas para estas enfermidades, ambas são vacinas infectantes. O protocolo para gatos com menos de 16 semanas devem-se iniciar entre a 6^a e 8^a semana, com repetições a cada 3 a 4 semanas, sendo recomendado que a última deve ser após 16 semanas. Para os que tem mais de 16 semanas, deve ser realizado 2 doses com intervalo de 3 a 4 semanas. O reforço deve ser feito com 1 ano, e após isso dependendo do risco que os gatos estejam expostos, a cada 3 anos (LABARTHE *et al*, 2016; SANTOS, B., 2021).

3 METODOLOGIA

O presente estudo é caracterizado como uma pesquisa descritiva, quantitativa-qualitativa, o qual foi realizado no Hospital Veterinário da UFPB (HV-UFPB), Areia – Paraíba, entre os meses de outubro e novembro de dois mil e vinte e dois.

Os dados que aqui constam foram extraídos por meio de um questionário aplicado com os tutores de cães e gatos atendidos no HV-UFPB. No total foram aplicados 106 questionários presencialmente por meio de entrevista. Os tutores foram abordados de forma individual enquanto aguardavam atendimento. O questionário possui 25 perguntas de fácil compreensão e de múltipla escolha, o qual abordou perguntas objetivando-se obter informações sobre o perfil socioeconômico dos tutores, caracterização sobre estilo de vida do animal, conhecimentos prévios sobre vacinação e informações sobre cuidados preventivos em seus animais (APÊNDICE A).

As entrevistas duraram em torno de 7 a 10 minutos cada; quando o tutor possuía mais de um animal para atendimento, da mesma espécie, foi solicitado que respondesse individualizando apenas um animal. As perguntas eram lidas pelo entrevistador e explicadas caso surgisse alguma dúvida, e quando se chegava nas perguntas sobre quais vacinas os tutores conheciam, foram explicadas cada uma delas e a importância da vacinação.

Os dados dos questionários foram tabulados no software Excel® Microsoft Office 365. Analisados por meio da estatística descritiva, e para apresentação dos resultados obtidos foram utilizados tabelas e gráficos.

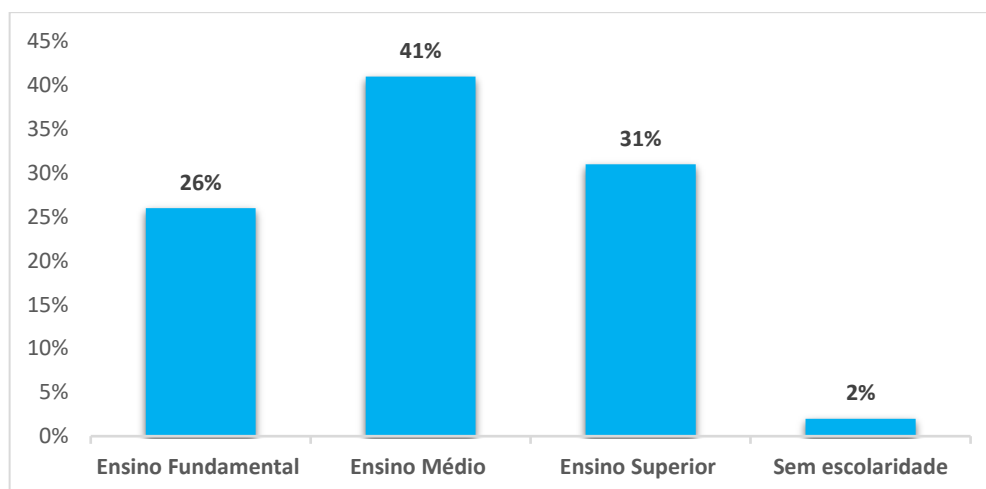
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistados 106 tutores, todos com animais em atendimento no Hospital Veterinário da UFPB - Campus II, Areia, Paraíba. As primeiras perguntas foram relacionadas ao perfil socioeconômico dos mesmos, como grau de escolaridade, se residentes na zona urbana ou rural, se tem acesso à internet, e a renda familiar. Os resultados estão distribuídos nos gráficos 1, 2, 3 e 4 a seguir.

Com relação ao grau de escolaridade dos tutores entrevistados, 26% (28) afirmaram possuir ensino fundamental, 41% (43) ensino médio, ensino superior 31% (33) e 2% (2) não possuem escolaridade, como representado no Gráfico 1. Esses resultados são semelhantes aos obtidos na pesquisa realizada por Silva (2022) em São Luís, Maranhão, na qual 64% dos entrevistados possuíam ensino médio e 30% ensino superior. Já em estudo realizado no hospital veterinário da Universidade Federal da Bahia em Salvador, os resultados foram diferentes, quando mais da metade dos entrevistados possuíam ensino superior (56,2%), e apenas 31,6% possuíam ensino médio (ALBUQUERQUE, 2017).

No que se refere à qualidade de vida e à promoção da saúde, o nível de escolaridade tem impacto direto na questão, em virtude do maior acesso a informações, assim, torna-se um fator determinante no momento de adotar medidas que visam garantir a saúde animal (ALBUQUERQUE, 2017; SANTOS, B. 2021). Em concordância, um estudo realizado por Suhett *et al.* (2013), observou-se que quanto maior foi o grau escolaridade, maior foi a frequência de tutores que realizavam vacinas polivalentes em seus cães.

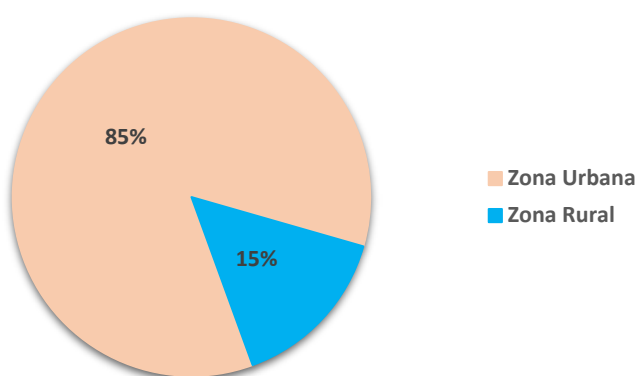
Gráfico 1 – Distribuição em percentagem das respostas dos tutores em relação ao grau de escolaridade.



Fonte: Autor, 2022

Quanto à localidade de residência dos tutores, 85% (90) informaram que moram em zona urbana e 15% (16) em zona rural, como representado no gráfico 2. Resultados semelhantes foram vistos por Suhett *et al.* (2013) em sua pesquisa, na qual 88% dos entrevistados residiam em zona urbana, e 12% em zona rural, ainda em seu estudo observou-se que a aplicação de vacina polivalente e/ou antirrábica não foi influenciada pelo ambiente em que residiam (se zona rural ou urbana).

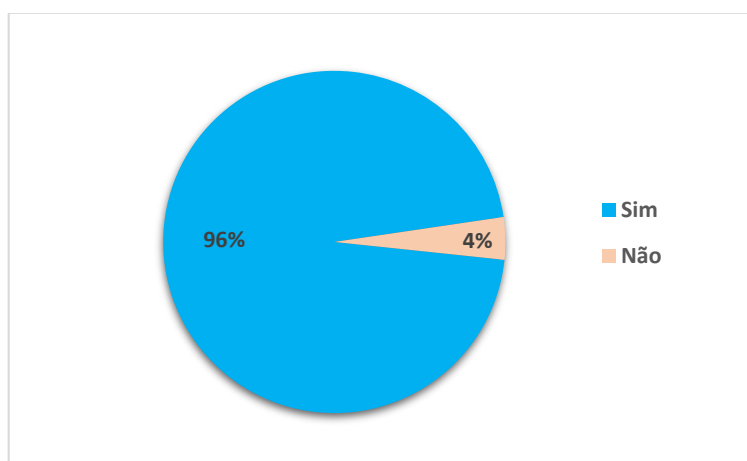
Gráfico 2 – Distribuição em percentagem das respostas dos tutores com relação a sua moradia, se em zona rural ou zona urbana.



Fonte: Autor, 2022

Com relação ao acesso à internet, 96% (102) dos tutores afirmaram ter acesso à internet, apenas 4% (N4) responderam que não tinham (Gráfico 3). Em uma pesquisa realizada no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia, observou-se resultados semelhantes, 93,1% dos entrevistados possuíam acesso à internet e 6,9% não possuíam (GILA, 2020). De acordo com esse mesmo autor a internet pode ser de grande utilidade na conscientização dos tutores no que diz respeito à realização de vacinas em seus animais.

Gráfico 3 – Distribuição em percentagem das respostas dos tutores com relação a possuírem acesso à internet ou não.



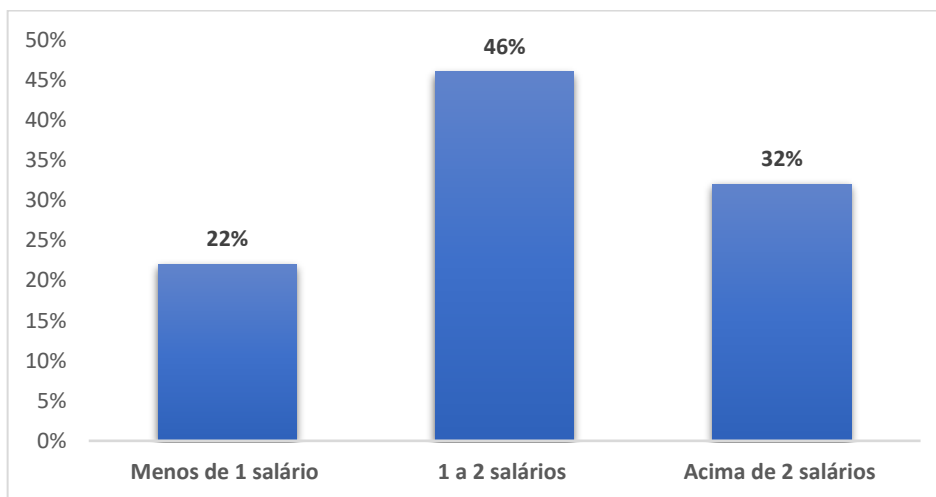
Fonte: Autor, 2022

Em relação à renda familiar dos entrevistados, 22% (23) possuem renda menor que um salário mínimo, 46% (49) possuem entre um e dois salários mínimos, e 32% (34) responderam possuírem renda acima de dois salários mínimos (Gráfico 4). Esses resultados encontrados diferem dos resultados de Silva (2022), no qual em seu estudo, nenhum tutor ganhava menos que um salário mínimo ao mês. Esses resultados também diferem dos encontrados por Suhett *et al.* (2013), quando 62% da população estudada possuía uma renda superior a dois salários mínimos, e apenas 3% possuía renda menor que um salário mínimo e 24% entre um e dois salários mínimos.

No presente estudo, há uma maior frequência na busca pelo atendimento no HV-UFPB pelos tutores com renda de um a dois salários mínimos e, apesar de não ser a maioria, mas com valor também relevante, pelos tutores com renda menor que um salário mínimo, essa ocorrência pode ser explicada devido a ser um hospital público, onde basicamente todos os serviços ofertados são de forma gratuita.

Segundo dados levantados por Suhett *et al.* (2013), a renda é um fator determinante com relação a decidir e aderir aos protocolos adequados de vacinação pelos tutores.

Gráfico 4 – Distribuição em percentagem das respostas dos tutores com relação à renda familiar.



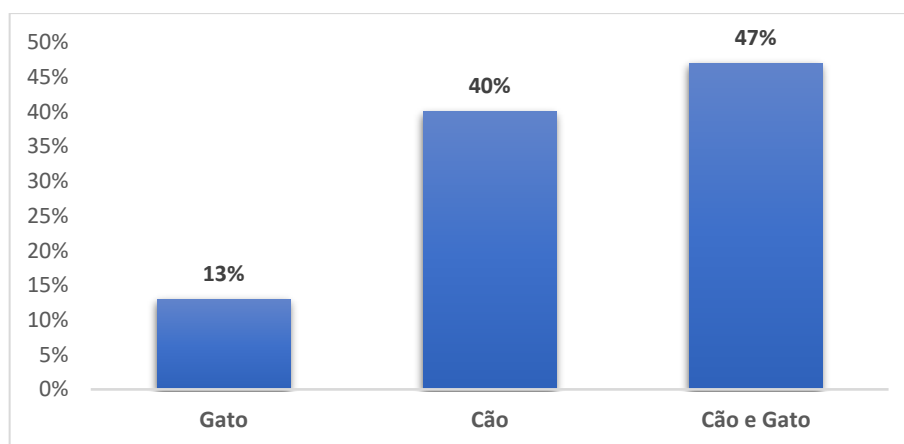
Fonte: Autor, 2022

Quando questionados sobre quais espécies de animais os tutores mantem sob sua guarda, 13% (14) afirmaram que tem apenas gato, 40% (42) apenas cão, e 47% (50) possuem ambas as espécies (Gráfico 5). Em estudo realizado em Brasília – DF por Machado (2019), os achados foram diferentes, neste a maioria dos entrevistados eram tutores somente de cão (59,77%) e apenas 22,41% disseram ser tutores de cão e gato. Da mesma maneira, em estudo realizado em

Rio Verde no estado de Goiás, no qual 72,9% afirmaram ter somente cão e apenas 20,5% eram tutores de ambas as espécies (SANTOS, M. 2021)

Apesar de ainda ser notória a preferência pela espécie canina por parte da população, esse cenário tem mudado bastante atualmente, no qual a população de gatos domésticos tem crescido a cada ano nos lares brasileiros, esse fato podendo ser explicado principalmente pela mudança de hábito e estilo de vida das pessoas, como morar mais em apartamentos e condomínios (SANTOS, M., 2021; ABINPET, 2022; GEBRIM; TOBIAS; TEIXEIRA, 2019).

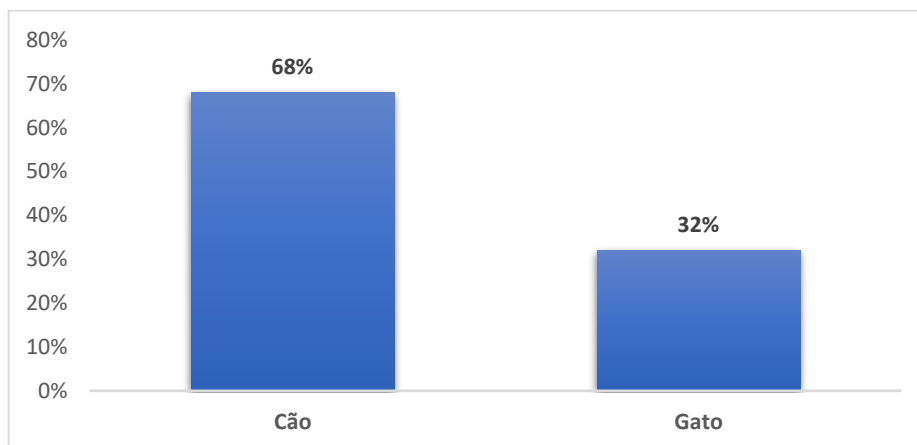
Gráfico 5 – Distribuição em percentagem das respostas dos tutores com relação a espécie que está sob sua guarda.



Fonte: Autor, 2022

Em relação à espécie que o tutor trouxe para atendimento no HV-UFPB, 68% (72) trouxeram cão, e 32% (34) trouxeram gatos (Gráfico 6). Em estudo realizado Universidade Federal Rural da Amazônia, em Belém – Pará, os achados foram semelhantes, no qual 74% eram cães e 26% eram gatos (INAJOSA, 2021).

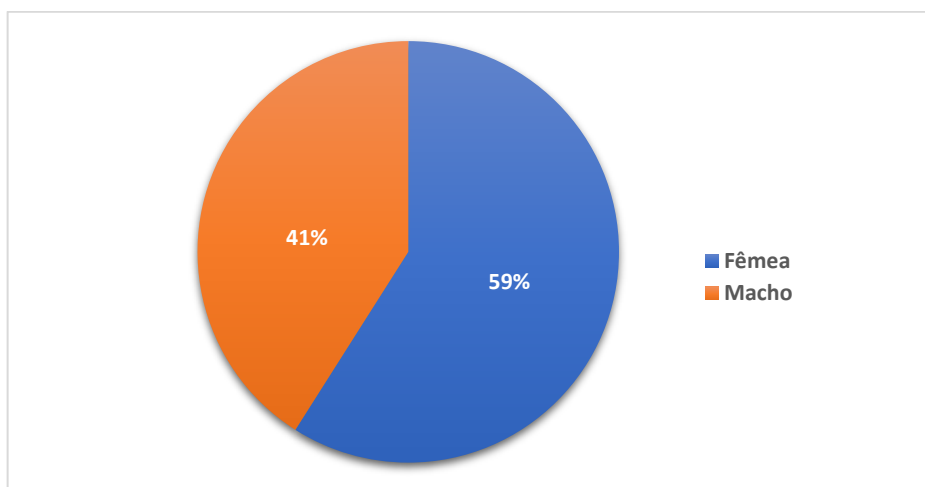
Gráfico 6 – Distribuição das respostas dos tutores com relação ao animal em atendimento no HV-UFPB, em frequência relativa (%).



Fonte: Autor, 2022

De acordo com respostas dos entrevistados com relação ao sexo dos animais em atendimento 59% (63) eram fêmeas, e 41% machos (43) (Gráfico 7). Valores semelhantes foram vistos em estudo realizado por Inajosa (2021), em que a maioria (56%) também eram fêmeas e 42% machos. Dados como esses revelam uma certa predileção pelas fêmeas, a qual pode ser explicada pelo fato delas serem mais fáceis de adestrar, por serem dóceis e pelo comportamento que em comparação com os machos é diferente (ALBUQUERQUE, 2017; HUTIM *et al.*, 2022).

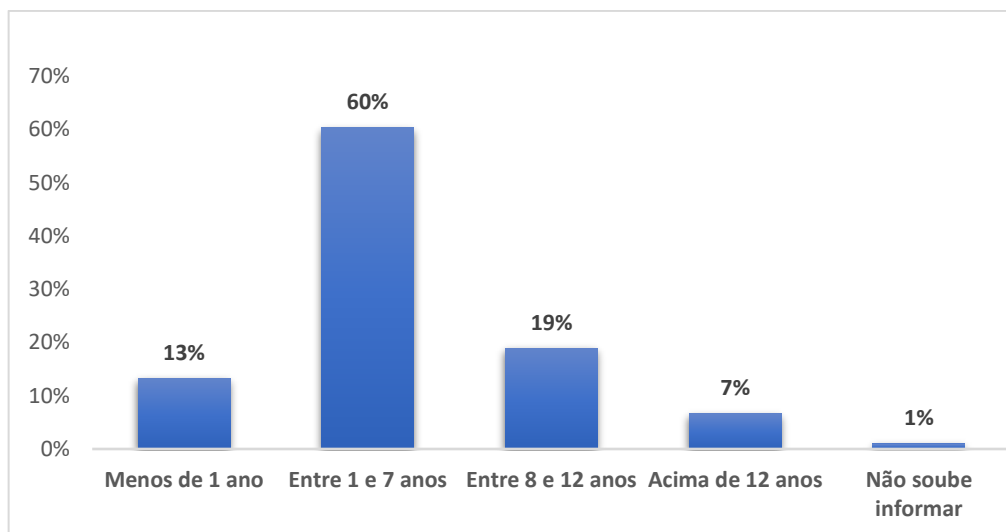
Gráfico 7 – Distribuição em percentagem das respostas dos tutores com relação ao sexo do animal em atendimento.



Fonte: Autor, 2022

Foi observado em relação à faixa etária dos animais, que a maioria dos animais tem entre um e sete anos, valor referente a 60% (64), já 13% (14) menos de um ano, 19% (20) entre oito e doze anos, 7% (7) acima de doze anos, e 1% (1) não soube informar a idade do animal (Gráfico 8). Assim, a maioria dos animais do presente estudo já estava na fase considerada adulta, resultado semelhante encontrado em um estudo realizado na região sul de Espírito Santo, no qual buscou-se avaliar a percepção e atitude dos tutores de cães quanto a importância da vacinação, neste 56% dos cães também tinham entre um e sete anos de idade (SUHETT *et al.*, 2013).

Gráfico 8 – Distribuição em percentagem dos animais do estudo por faixa etária.



Fonte: Autor, 2022

Quando questionados com relação ao ambiente em que os animais viviam ou tinha acesso, foi observado que boa parte dos animais viviam dentro de casa e não possuíam acesso à rua, valor correspondente a 49% (52) da população de animais em estudo; outros 23% (24) viviam dentro de casa mas tinham livre acesso à rua seja fugindo ou não, 15% (16) viviam dentro de casa e saíam para rua apenas com acompanhamento do tutor em passeios, 11% (12) vivia mais no quintal ou área externa sem muito contato com a parte interna da casa, e cerca de 2% (2) dos animais do estudo viviam mais na rua do que dentro da casa do tutor (Gráfico 9). Diferentemente de estudo realizado por Santos (2021), no qual mais da metade dos entrevistados disseram que seus animais só saíam acompanhados (53,4%) e apenas 24,3% não permitia que o animal tivesse acesso à rua.

Apesar da baixa percentagem dos tutores do presente estudo que permitiam o livre acesso à rua pelo seu animal, esse número ainda é significativo, como relatado por Machado (2019) ao que se refere os tutores permitirem que seus animais tenham livre acesso à rua os resultados foram próximos, tendo 10,26% tutores afirmado que permitiam o acesso de seus animais à rua livremente, refletindo assim a falta de consciência com relação aos riscos à saúde do animal que pode contrair doenças infecciosas, bem como sobre a saúde pública ao que se refere às zoonoses.

Sendo importante ressaltar que como o tutor individualizou as respostas para o animal que estava em atendimento, no caso deles terem outros animais, não significa que esses outros não possuam acesso à rua livremente.

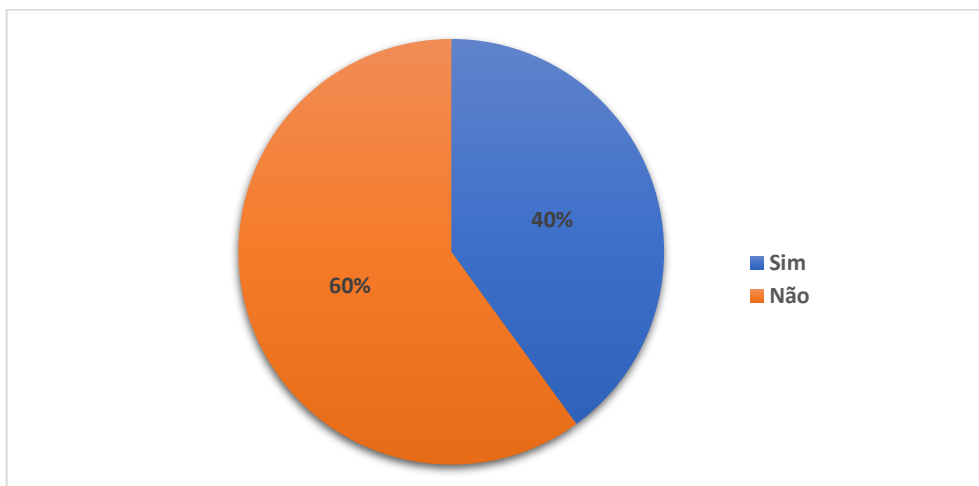
Gráfico 9 – Distribuição em percentagem acerca do ambiente em que os animais do estudo vivem e/ou possuem acesso.



Fonte: Autor, 2022

Quando questionados com relação aos seus animais possuírem contato com outros animais fora os de casa (quando o tutor possuía mais de um cão ou gato), 60% afirmaram que seu animal não possuía contato com outros animais, já 40% afirmou que sim (Gráfico 10). Já no estudo feito por Santos, B. (2021), a maioria dos tutores afirmaram que seu animal possuía contato com outros animais (52,4%), e 47,6% afirmaram que não.

Gráfico 10 – Distribuição em percentagem dos animais que possuíam contato com outros animais.



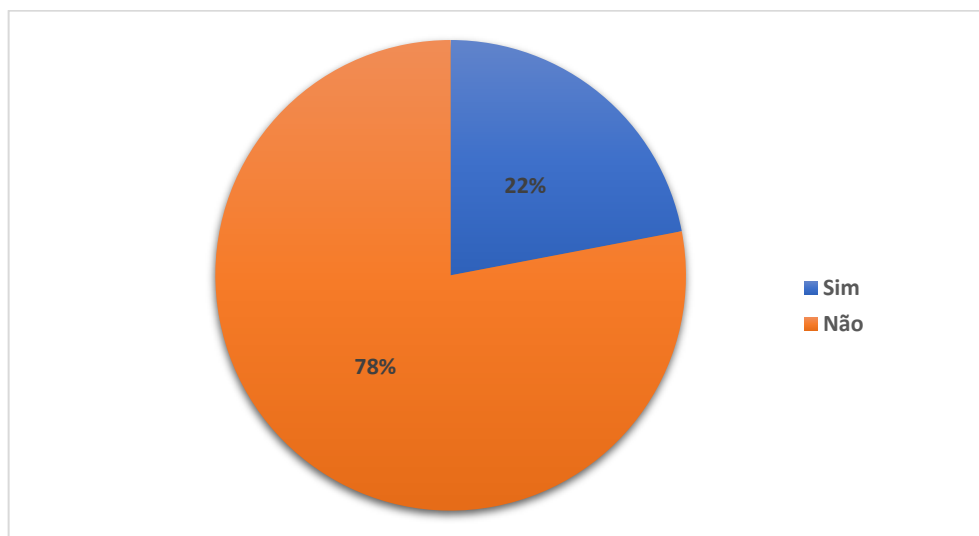
Fonte: Autor, 2022

Com relação aos animais do estudo possuírem contato com roedores, foi observado que a maioria dos tutores afirmaram que não sabiam se os seus animais tinham ou não contato, contabilizando 78% (83), já 22% (23) dos animais possuíam contato com roedores (Gráfico 11). Esses dados são equivalentes aos encontrados em estudo realizado em Belém – Pará, no qual 77,7% dos animais não possuíam contato com roedores e 22,3% possuíam contato

(SANTOS, B. 2021). Assim como visto no trabalho realizado por Santos, A e Santos, H (2021), a maioria (69%) dos tutores afirmaram que seu animal não tinha contato com roedores.

Embora o percentual de animais que não possuíam contato seja maior, ainda assim a percentagem de animais com contato com roedores é significativa, visto que esses são um dos principais reservatórios do agente da leptospirose em áreas urbanas (SANTOS, B. 2021).

Gráfico 11 – Distribuição em percentagem dos animais do estudo que possuíam contato com roedores.

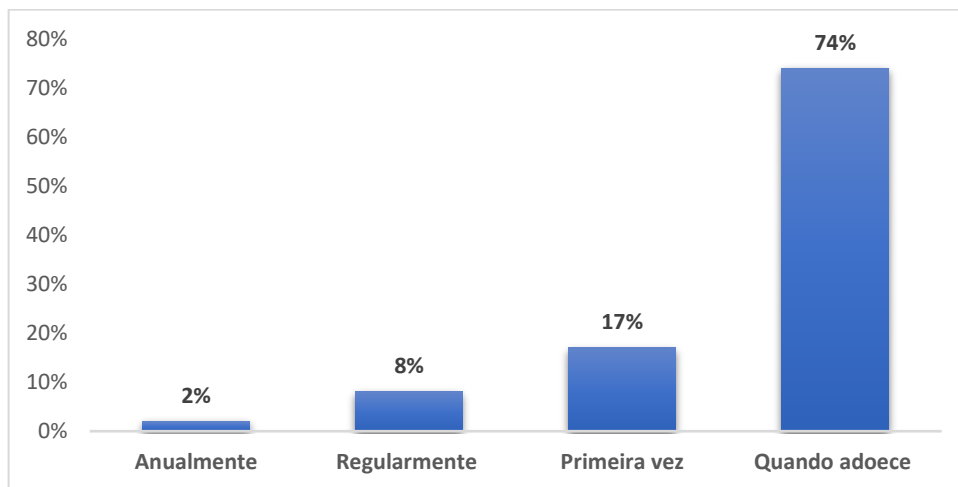


Fonte: Autor, 2022

Quando questionado aos tutores sobre a frequência que costumam levar seu animal ao médico veterinário a grande maioria, valor correspondente a 74% da população em estudo, respondeu que só busca atendimento veterinário quando seu animal adocece, outros 8% afirmaram levar regularmente, 2% anualmente e 17% dos tutores estavam levando seu animal pela primeira vez – boa parte destes haviam sido resgatados há pouco tempo da rua – (Gráfico 12). Dados similares foram obtidos em pesquisa realizada em Canoinhas – Santa Catarina por Pedrassani e Karvat (2017), em que 76% dos entrevistados só buscavam assistência veterinária quando seu animal estava doente, os outros 16% afirmaram levar regularmente e 8% levavam para vacinar e realizar a vermifugação. Assim como encontrado também no estudo de Albuquerque (2017), no qual a maioria (50,5%) dos entrevistados afirmaram levar seu animal ao médico veterinário quando esse já estava doente.

Esses dados refletem em como boa parte da população em estudo busca apenas assistência veterinária quando o animal já está apresentando algo e não de forma preventiva, uma vez que buscar atendimento veterinário regularmente ajuda no cumprimento de protocolo e adequados de vacinação e desparasitação, sendo essencial não somente para saúde do animal, mas também para prevenir zoonoses (SANTOS, M. 2021).

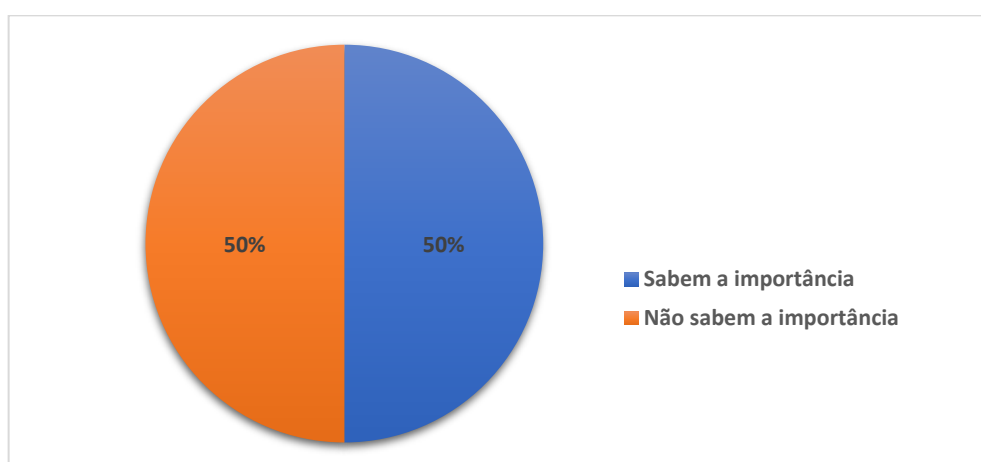
Gráfico 12 – Distribuição em percentagem das respostas dos tutores com relação a frequência que costumam levar seu animal ao Médico Veterinário.



Fonte: Autor, 2022

Quando questionados sobre saberem da importância da vacinação em cães e gatos, 50% (53) afirmaram que sabiam da importância e a outra metade 50% (53) afirmaram não saber, embora os percentuais das respostas tenham sido equivalentes, nem todos os tutores que afirmaram saber da importância falaram corretamente sobre o porquê de a vacina ser importante (Gráfico 13). Esses resultados diferiram dos encontrados por Santos, B. (2021) em seu estudo realizado em Belém – Pará, no qual 89,3% afirmaram entender a importância da vacinação e apenas 10,7% afirmaram que não tinham conhecimento sobre essa importância.

Gráfico 13 – Distribuição em percentagem das respostas dos tutores sobre saberem ou não a importância da vacinação em cães e gatos.



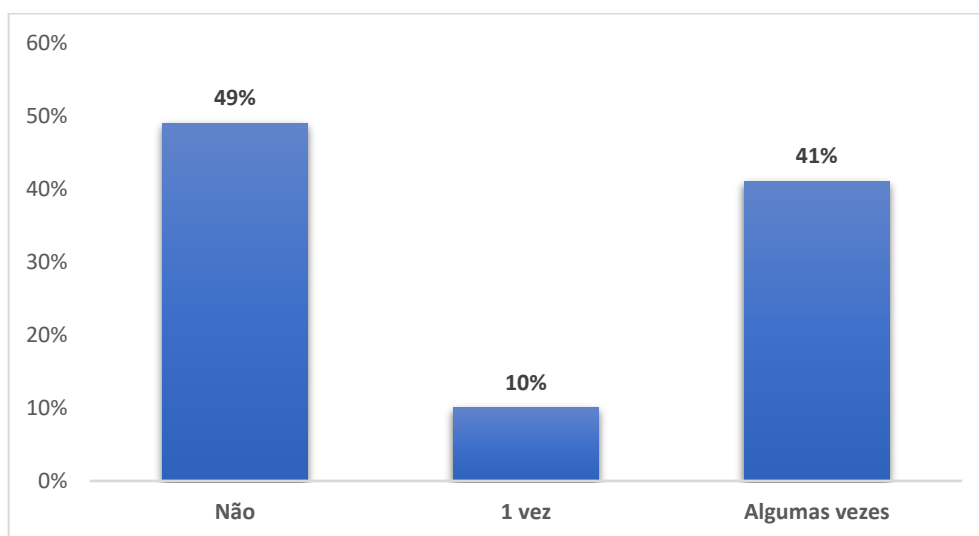
Fonte: Autor, 2022

Os tutores também responderam sobre se já haviam recebido alguma orientação do médico veterinário em algum momento relativo à importância da vacinação. De todos os tutores, 49% (52) relataram que não haviam sido informados, 10% (11) responderam que uma

vez, e 41% (43) algumas vezes (Gráfico 14). Assim, similar aos resultados obtidos por Gila (2020), no qual mostrou que 40,8% dos entrevistados haviam levado seu animal ao veterinário e relataram não terem sido orientados acerca da vacinação. Em contrapartida 62,1% dos entrevistados na pesquisa de Santos, B. (2021) afirmaram terem sido orientados acerca da temática, e esse dado foi tido como motivo para o grande percentual de pessoas que informaram saber tanto da importância da vacinação quanto da existência das vacinas polivalente e antirrábica para cães e gatos.

Dados como os relatado no presente estudo são preocupantes, pois é essencial que os tutores sejam orientados e conscientizados sobre a vacinação em seus animais e sua importância pelo médico veterinário, visando não somente promover a saúde animal mais também a saúde humana, desta forma concordando com vários autores (SUHETT *et al.*, 2013; GILA, 2020; SANTOS, B. 2021).

Gráfico 14 – Distribuição em percentagem das respostas dos tutores sobre já terem sido informados por um médico veterinário acerca da importância da vacinação em cães e gatos.

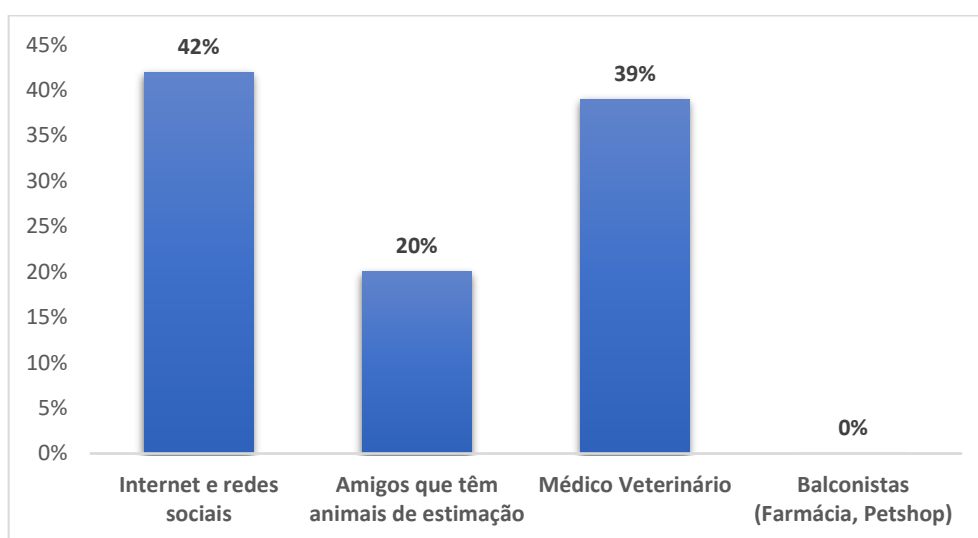


Fonte: Autor, 2022

Em relação a fonte que os tutores mais utilizam para buscar informações acerca da saúde dos seus animais, a internet e redes sociais, e o médico veterinário foram a maioria, sendo 42% (44) e 39% (41) respectivamente, os outros 20% (21) afirmaram que buscam informações com amigos que também têm animais de estimação, e nenhuma pessoa relatou buscar informações com balconistas em farmácia e/ou petshop (Gráfico 15). Assim como em estudos realizados por Gila (2020) e Santos, B. (2021), em ambos a internet (51,4% e 46,6%, respectivamente) e o médico veterinário (43,5% e 40,8%, respectivamente) foram as maiores fontes de informação dos tutores com relação a saúde de seus animais.

Embora muitos dos tutores do presente estudo tenham afirmado que buscavam apenas informações com o médico veterinário, é preocupante também a quantidade de pessoas que afirmaram buscar primeiro a internet e/ou redes sociais para tirarem dúvidas. E em concordância com Gila (2020), é de extrema relevância o médico veterinário estar inserido nesse meio com informações confiáveis e corretas, visto que os tutores podem estar se alimentando de informações errôneas feitas por pessoas que não têm conhecimento científico sobre o assunto.

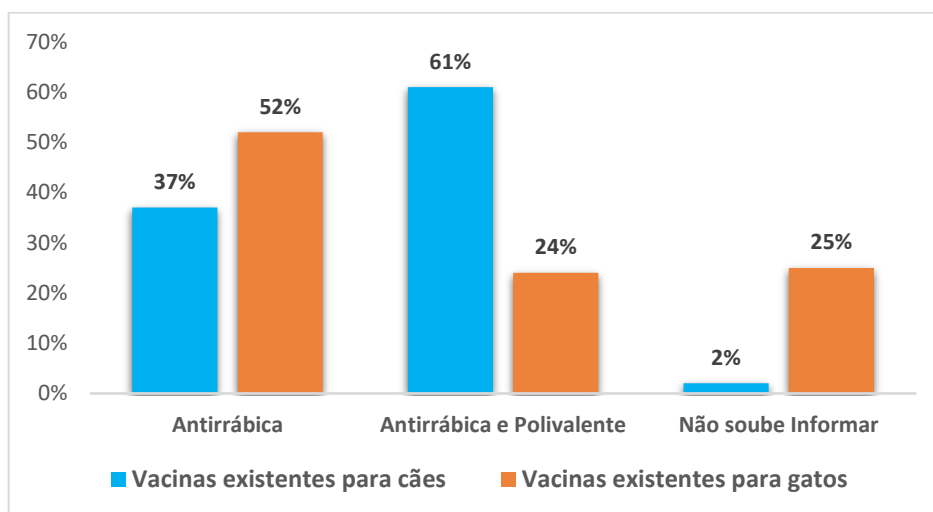
Gráfico 15 – Distribuição em percentagem das respostas dos tutores sobre qual a fonte que mais utilizam para buscar informações relacionadas à saúde de seus animais.



Fonte: Autor, 2022

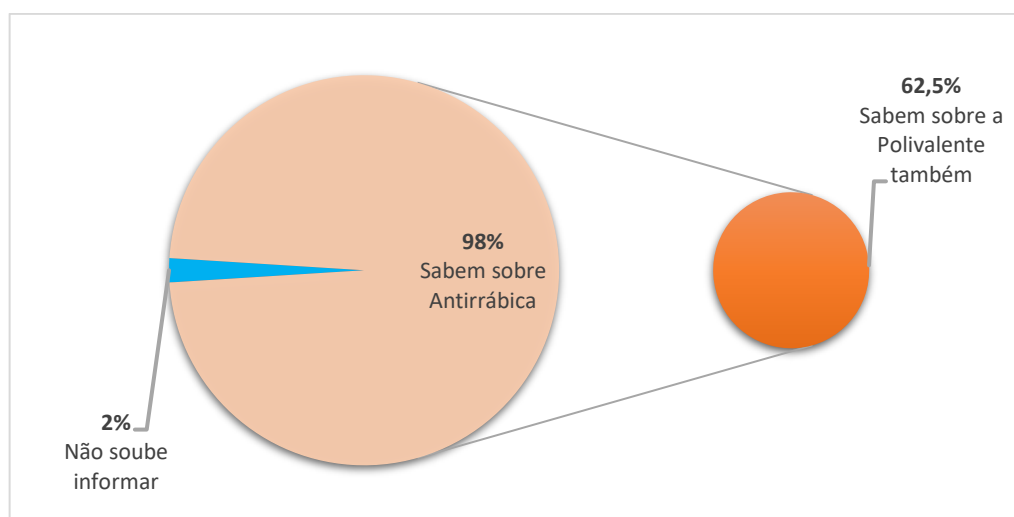
Os tutores foram questionados sobre seus conhecimentos prévios das vacinas existentes para cães e gatos, independentemente das espécies que haviam levado para atendimento. Foi observado que em relação as vacinas existentes para cães, 37% (39) afirmaram conhecer apenas a antirrábica, 61% (65) a antirrábica e polivalente, e 2% (2) dos tutores afirmaram não saber sobre as vacinas que existem para os cães (Gráfico16). Totalizando assim 98% dos tutores que responderam possuir conhecimento prévio sobre a vacina antirrábica para cães, e dentre esses que sabiam sobre a vacina antirrábica, 62,5% afirmaram saber da vacina polivalente também (Gráfico 17). Semelhantemente a um estudo realizado no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia por Andraus (2020), no qual 75% dos tutores de cães possuíam conhecimento sobre vacina antirrábica e polivalente e 24% conheciam somente a vacina antirrábica.

Gráfico 16 – Distribuição em percentagem das respostas dos tutores sobre o conhecimento prévio das vacinas existentes para cães e gatos.



Fonte: Autor, 2022

Gráfico 17 – Distribuição em percentagem das respostas total dos tutores sobre o conhecimento prévio das vacinas antirrábica e/ou polivalente para os cães (N72).



Fonte: Autor, 2022

Com relação aos conhecimentos sobre as vacinas existentes para gatos, esses valores se diferiram bastante, 52% (55) afirmaram saber apenas sobre a vacina antirrábica, apenas 24% (25) sabia da vacina antirrábica e polivalente, e 25% (26) afirmaram não saber sobre as vacinas existentes para gatos (Gráfico 16), fato esse bem relevante, visto que dentre esses que não sabiam, havia tutores que tinham ambas as espécies como animais de estimação, como relatado por uma tutora de cinco gatos no presente estudo, ela não sabia sequer que gatos precisavam ser vacinados, conseqüentemente seus gatos não possuíam nenhuma vacinação. Bem, com relação ao todo dos que responderam saber sobre a vacina antirrábica para gatos totalizou-se

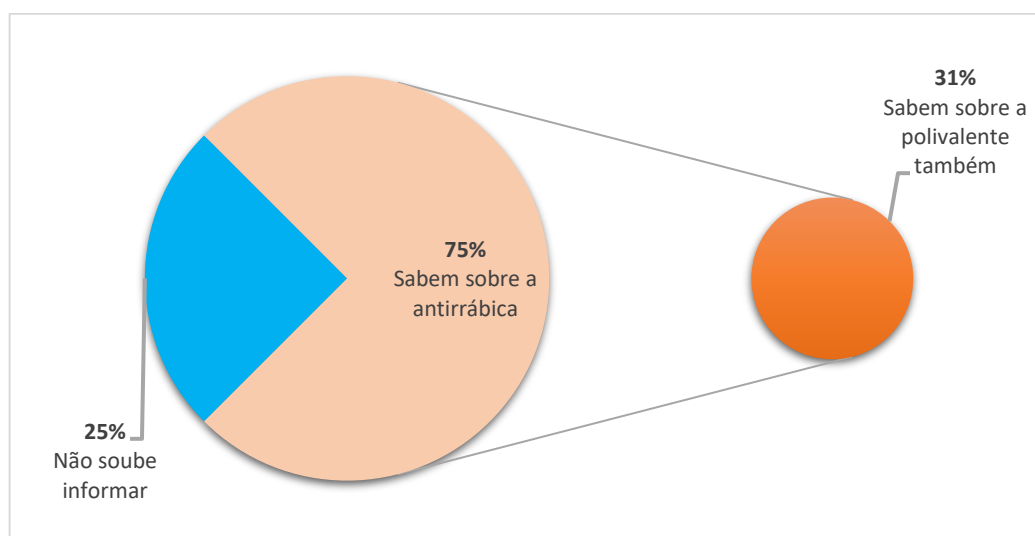
75%, e dentre esses que sabiam sobre a antirrábica 31% sabiam também sobre a vacina polivalente (Gráfico 18).

Em estudo realizado por Gila (2020), os resultados obtidos foram diferentes, nele a maioria dos tutores de gatos conheciam a vacina antirrábica e a polivalente (49,5%).

Observa-se que em ambas as espécies há maior percentual de tutores que possuíam conhecimento sobre a vacina antirrábica, logo, de certa forma, percebe-se uma maior conscientização sobre ela, isso pode ser explicado pelo fato de a raiva ser uma doença amplamente divulgada nos mais diversos meios de comunicação, principalmente nos períodos de campanha vacinal para cães e gatos (MACHADO, 2019).

Segundo dados obtidos por Santos (2021), da população geral de cães e gatos em sua pesquisa, 30,1% dos tutores possuíam conhecimento somente da antirrábica e 67% conheciam ambas as vacinas (polivalente e antirrábica), sendo maior percentual justificado pelo acesso de informações que os tutores tinham vindas de orientações fornecidas pelo médico veterinário.

Gráfico 18 – Distribuição em percentagem das respostas total dos tutores sobre o conhecimento prévio das vacinas antirrábica e/ou polivalente para os gatos (N34).

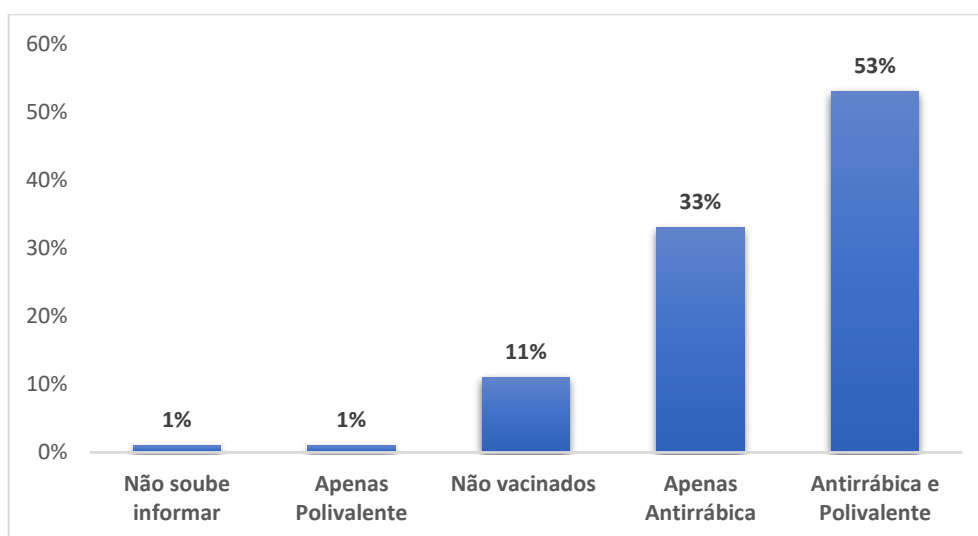


Fonte: Autor, 2022

Quanto aos cuidados preventivos que os tutores possuíam, como quais vacinas que os animais haviam recebidos ou não, onde ou quem realiza as vacinas em seus animais, se eram ou não vacinados com polivalente, caso não fossem qual seria o motivo, se os animais tinham ectoparasitas, se era feito ou não o controle para prevenção, e se os tutores faziam a vermifugação dos animais. Especificamente no caso das vacinas, os resultados e as discussões, para melhor entendimento, foram separados relativos às duas espécies do estudo: cães e gatos.

Foi observado, quanto aos cães, que a maioria havia sido vacinada com a antirrábica e polivalente, em um total de 53% (38), já 33% (24) apenas com a antirrábica, 11% (8) não haviam sido vacinados, 1% (1) havia recebido apenas polivalente, e 1% (1) não soube informar (Gráfico 19). Sendo assim 86% dos cães do estudo haviam sido vacinados com a antirrábica, e dentre esses 61% haviam sido vacinados também com a polivalente. Em estudo realizado por Pedrassani e Karvat (2017), resultados semelhantes foram observados quanto a vacinação com as duas vacinas (polivalente e antirrábica) e diferiram no percentual de cães vacinados apenas com a antirrábica e no total de animais não vacinados, sendo 61,33%, 2% e 32,67% respectivamente. Da mesma maneira no estudo de Suhett *et al.* (2013), os valores foram semelhantes no qual 81% dos cães possuíam vacina antirrábica, e 54% realizavam outras vacinas além da antirrábica.

Gráfico 19 – Distribuição em percentagem das respostas dos tutores com relação às vacinas que os cães do estudo foram vacinados.



Fonte: Autor, 2022

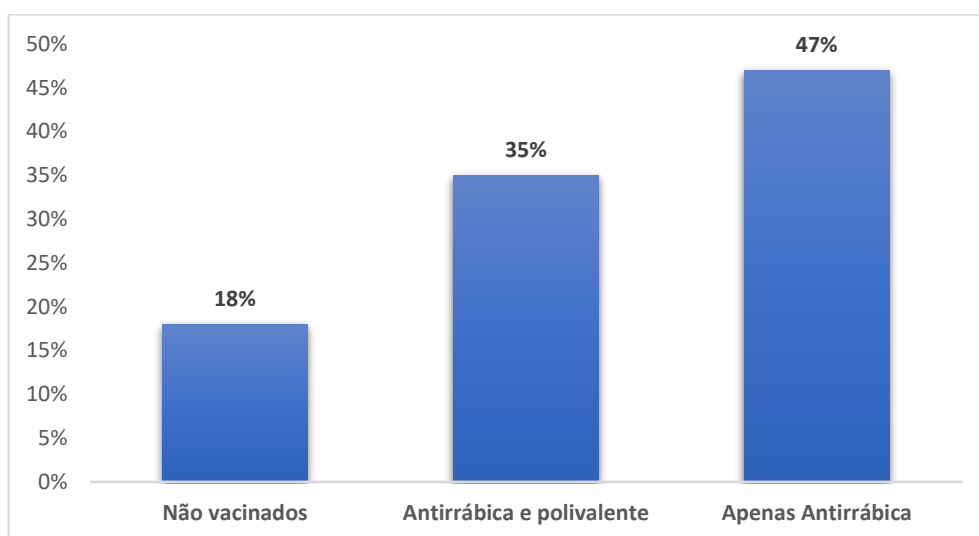
Quanto aos gatos (34) foi observado que, 47% (16) haviam sido vacinados com antirrábica, 35% (12) com a antirrábica e polivalente, e 18% (6) não eram vacinados (Gráfico 20). No total sendo 82% dos gatos do estudo vacinados com a antirrábica, e dentre esses 42,8% foram vacinados também com a polivalente. Resultados semelhantes foram encontrados por Gila (2020) em sua pesquisa, na qual 47,5% dos gatos eram vacinados com a antirrábica. Em contrapartida, em estudo realizado por Pedrassani e Karvat (2017) em Canoinhas – Santa Catarina, a maioria dos felinos não haviam sido vacinados (83,12%) e apenas 16,88% foram vacinados polivalente e antirrábica.

Apesar de no presente estudo ter uma boa percentagem de gatos vacinados com polivalente também, o número de gatos não vacinados com nenhuma vacina é extremamente relevante, não somente pela questão da vacina antirrábica que previne contra uma zoonose, mas também pela vacina polivalente, pois é essa que confere proteção a espécie contra diversas doenças infecciosas, e a não vacinação pode levar a maior ocorrência das tais (GILA, 2020). Dados como esses nos revelam que há necessidade de uma maior conscientização com relação a imunização adequada dos animais, principalmente para tutores da espécie felina.

Tanto os resultados de cães vacinados com a vacina antirrábica, quanto os resultados dos gatos demonstram que as campanhas públicas contra a raiva têm sido eficientes, visto que é estabelecido pela OMS que cerca de 80% da população cães e gatos de uma região sejam vacinados (ALBUQUERQUE, 2017), no presente estudo 86% da população canina e felina possuíam vacina antirrábica.

Essa maior adesão da vacinação contra a raiva em ambas as espécies, pode ser explicada não somente pela maior transmissão das informações sobre a doença pela mídia, facilitando o acesso para os tutores por ser bastante divulgada, mas também por ser uma vacina fornecida em campanhas públicas o que não acarreta custos financeiros para os tutores diferentemente da vacina polivalente (SUHETT *et al.* 2013; ALBUQUERQUE, 2017; MACHADO, 2019; SILVA, 2022).

Gráfico 20 – Distribuição em percentagem das respostas dos tutores com relação às vacinas que os gatos do estudo foram vacinados.



Fonte: Autor, 2022

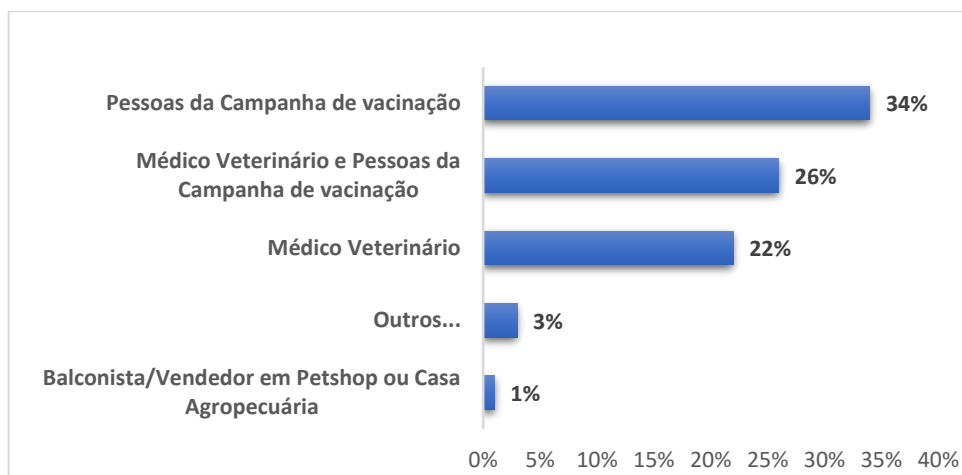
Do total de animais vacinados, seja com antirrábica e/ou polivalente, 34% (36) foram vacinados nas campanhas públicas de vacinação, 26% (28) foram vacinados em campanhas

públicas e pelo médico veterinário, 22% (23) pelo médico veterinário, 3% (3) por outros – esses sendo em sua maioria pelo próprio tutor –, e 1% (1) foi vacinado por balconista ou vendedor de petshop ou de casa agropecuária (Gráfico 21). Onde pode-se dividir esses resultados em 3 categorias, sendo elas: animais vacinados sob supervisão do médico veterinário, animais vacinados em campanhas públicas de vacinação, e animais vacinados sem supervisão do médico veterinário, totalizando-se respectivamente, 48%, 60% e 4%. Dados semelhantes foram vistos no estudo de Albuquerque (2017), com relação à vacina antirrábica 42,7% vacinaram em campanhas públicas e 41,6% em clínicas particulares. Em contrapartida, Machado (2019) obteve resultados completamente diferentes, em seu estudo a maioria dos tutores vacinaram seus animais em clínica veterinária (67,43%) e apenas 11,30% em campanhas públicas.

Com relação a decisão tomada por alguns tutores do presente estudo em vacinar ambas as vacinas somente com o médico veterinário, especialmente a antirrábica, alguns dos motivos relatados foram pela não confiança nos meios de armazenamento em certos postos de vacinação durante as campanhas públicas anuais e sobre quem e como aplicam as vacinas em seus animais, bem como fatores estressantes para o próprio animal (ALBUQUERQUE, 2017; GILA, 2020).

Por mais que os resultados obtidos de vacinação sem supervisão veterinária sejam baixos, esse é um dado extremamente importante, pois o médico veterinário é o único capacitado para avaliar e vacinar corretamente os animais, ou seja, tutores que aplicam vacinas por conta própria poderão estar deixando falhas na devida imunização de seu animal e consequentemente prejudicando a sua saúde (LABARTHE *et al*, 2016; PEDRASSANI e KARVAT, 2017; MACHADO, 2019; DAY *et al.*, 2020; SANTOS, B. 2021).

Gráfico 21 – Distribuição em percentagem das respostas dos tutores com relação a quem realiza a vacina em seu animal.



Fonte: Autor, 2022

Quanto às respostas dos tutores em relação ao reforço vacinal dos animais vacinados seja com antirrábica e/ou polivalente, 11% (12) afirmaram não ter realizado o reforço, 17% (18) afirmaram realizar o reforço da antirrábica e polivalente, cerca de 16% (17) informaram que seu animal ainda estava na primovacinação logo não havia chegado o tempo para o reforço vacinal, e 42% (44) dos tutores afirmaram realizar o reforço apenas da antirrábica, dentre esses alguns informando o motivo pelo qual não realizaram o reforço da vacina polivalente, como por exemplo não sabiam sobre a mesma, ou achavam que só era necessário vacinar o animal filhote, ou ainda achavam que o animal não precisava, alguns relataram também ser por conta do custo da vacina, entre outros motivos, como descrito na Tabela 1. Resultados diferentes foram obtidos em estudo feito por Santos, B. (2021), mais da metade da população realizava o reforço anual da vacina antirrábica e polivalente (58,3%), apenas 14,6% realizavam o reforço somente da antirrábica e 27,1% não realizou o reforço de nenhuma vacina.

Tratando-se da vacinação com a polivalente apenas nos animais quando filhotes, foi um dado também obtido por Machado (2019) em seu estudo, cerca de 9,96% dos entrevistados vacinaram apenas o animal filhote.

Resultados como esses nos mostram como ainda há uma falta de conhecimento por parte dos tutores com relação aos protocolos vacinais corretos instituídos para cães e gatos, sendo necessário uma maior ênfase quanto a isso principalmente pelo médico veterinário.

Tabela 1 – Distribuição das respostas dos tutores com relação ao reforço vacinal anual dos seus animais, em frequência absoluta (N) e frequência relativa (%).

Reforço anual dos animais vacinados	Frequência absoluta (N)	Frequência relativa (%)
Sim, antirrábica. Não sabia que tinha da Polivalente	26	25%
Sim, polivalente e antirrábica	18	17%
Ainda no protocolo inicial (filhote)	17	16%
Não	12	11%
Sim, da antirrábica. Não da vacina polivalente por motivos financeiros	11	10%
Sim, antirrábica. Não da vacina polivalente por falta de tempo/esquecimento, ou acha que o animal não precisa	7	7%

Fonte: Autor, 2022

Quanto aos tutores que não vacinaram seu animal com a polivalente, quando perguntado o motivo, 29% (31) afirmaram não saber sobre a vacina, 10% (11) não vacinavam por motivos financeiros, 5% (5) afirmaram ser por falta do tempo/esquecimento ou porque achava que o animal não precisava, e 8% (8) não quis informar, como descrito na Tabela 2. Semelhantemente

a resultados obtidos por Santos, B. (2021), em que 46,7% afirmaram não terem vacinado por não saberem sobre a vacina polivalente, já em estudo feito por Gila (2020) observou que a maioria dos tutores não vacinaram seus gatos por motivos financeiros, valor corresponde a 30,7%.

Em pesquisa realizada por Inajosa (2021), de igual modo, diversos foram os motivos citados pelos tutores com relação a não vacinação de seus animais, no entanto, os valores encontrados diferiram dos obtidos nesta pesquisa; no trabalho de Inojosa (2021) apenas 10,53% dos tutores afirmaram ser por desconhecimento e 21,05% disseram ser por falta de tempo, e com relação aos tutores que afirmaram não vacinar por motivos financeiros o valor visto foi semelhante ao do presente estudo, correspondente há 10,53%.

O fato da maioria dos tutores do presente estudo não terem vacinados com a polivalente porque não sabia sobre ela é bem preocupante e nos mostra como é extremamente necessário a orientação do médico veterinário acerca das vacinas e dos protocolos adequados, bem como a criação de ações que possam conscientizar os tutores quanto a isso, afinal seus animais estão expostos a diversas doenças infecciosas por falta de conhecimento (SANTOS, B., 2021).

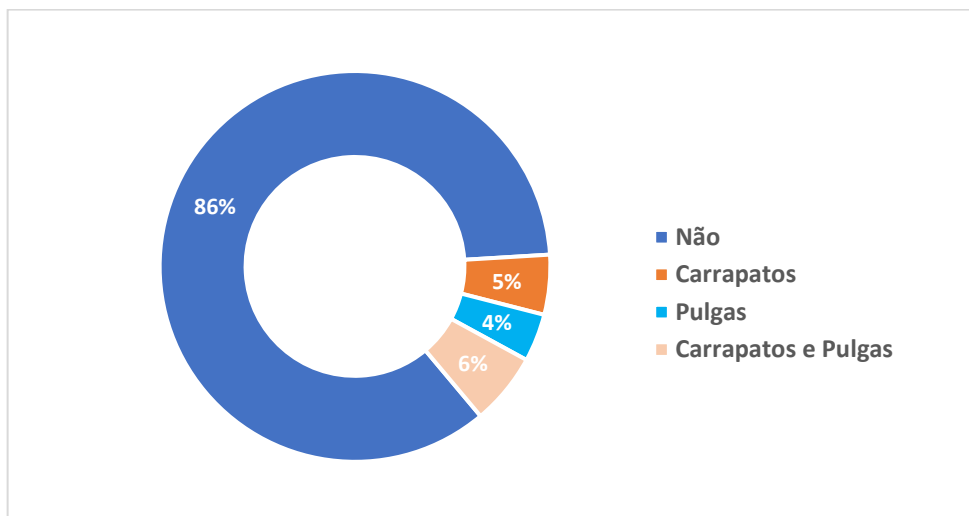
Tabela 2 – Distribuição das respostas dos tutores com relação ao motivo pelo qual não vacina seu animal com a polivalente, em frequência absoluta (N) e frequência relativa (%).

Motivo pelo qual não vacina com a polivalente	Frequência absoluta (N)	Frequência relativa (%)
Não sabia sobre a vacina	31	29%
Falta de tempo/esquecimento, ou acha que o animal não precisa	5	5%
Motivos financeiros	11	10%
Não informou o motivo	8	8%

Fonte: Autor, 2022

Ainda com relação a outros cuidados preventivos além da vacinação, os tutores foram questionados se havia ectoparasitas nos animais do estudo e 86% (91) afirmaram que não, 6% (06) afirmaram ter carrapatos e pulgas em seus animais, 5% (05) apenas carrapatos, e 4% (4) apenas pulgas (Gráfico 22). Esses dados são semelhantes aos dados obtidos por Santos, B. (2021), no qual 84,5% afirmaram que seus animais não possuíam ectoparasitas e 15,5% afirmaram que os animais possuíam algum tipo de ectoparasitas.

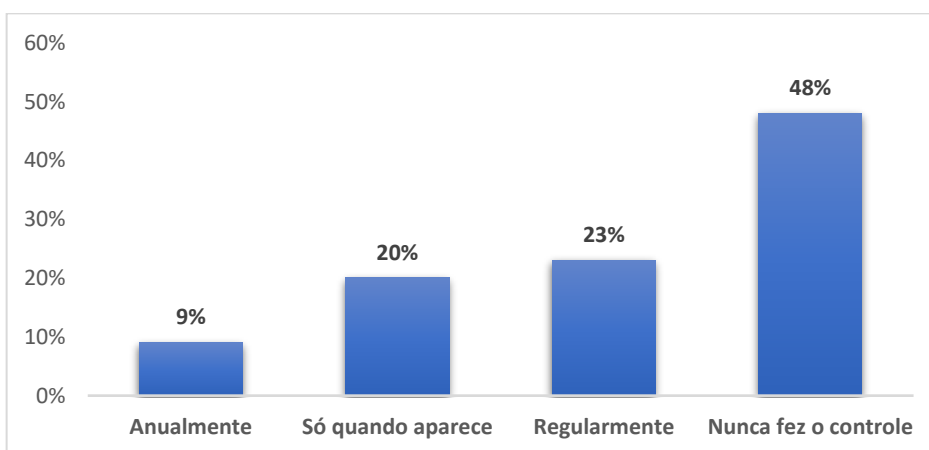
Gráfico 22 – Distribuição em percentagem das respostas dos tutores com relação a presença de ectoparasitas no animal.



Fonte: Autor, 2022

Quando questionados acerca da realização ou não de controle desses ectoparasitas, 48% (51) afirmaram nunca ter feito controle, 23% (24) realizava o controle regularmente, 20% (21) apenas quando havia o aparecimento no animal, e 9% (10) realizava o controle anualmente (Gráfico 23). Diferentemente dos resultados obtidos por Albuquerque (2017), no qual 96,4% realizavam o controle dos ectoparasitas, mesmo a maior frequência sendo para aqueles já com infestação e não de maneira preventiva como é o intuito, e apenas 1,9% da população não realizava o controle. Assim como também no estudo de Santos, B. (2021), a maioria (46,6%) dos tutores só realizavam o controle quando já houvesse infestação. Logo é perceptível que o uso de ectoparasiticidas é feito de maneira incorreta pela maioria dos tutores, não sendo usado de maneira preventiva, mas sim para controle após infestação.

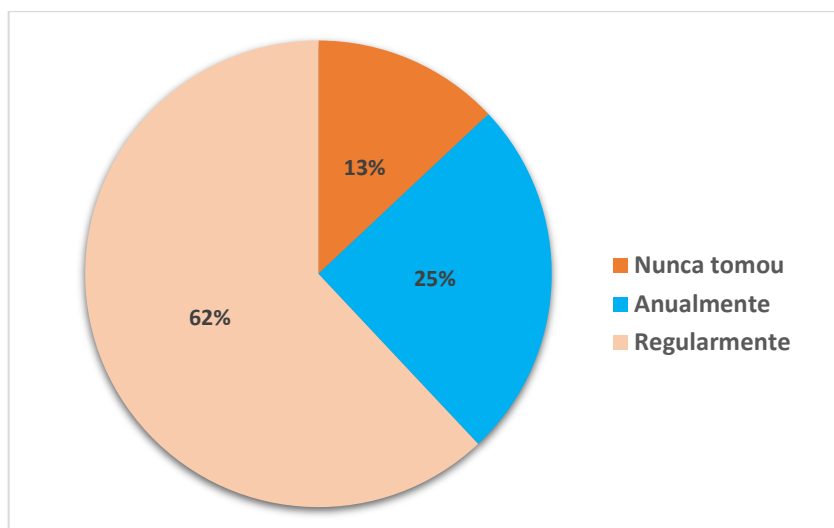
Gráfico 23 – Distribuição em percentagem das respostas dos tutores com relação ao controle de ectoparasitas no animal.



Fonte: Autor, 2022

Em relação às respostas dos tutores sobre a vermifugação do seu animal, 62% (66) dos animais recebiam vermífugo pelo menos duas vezes ao ano – regularmente –, 25% (25) anualmente, e 13% (14) nunca haviam recebidos vermífugos (Gráfico 25), sendo muitos desse último resgatados há pouco tempo. Ou seja, cerca de 87% (91) dos animais eram vermifugados, no entanto, muitos desses tutores realizavam a vermifugação sem buscar antes a orientação do médico veterinário. Desta forma e em concordância com o estudo de Santos (2021), no qual afirma que 42,9% utilizavam vermífugos de duas a quatro vezes ao ano, no entanto do mesmo modo que o presente estudo, os tutores realizavam a vermifugação em seus animais por conta própria, afetando/interferindo assim na adequada profilaxia.

Gráfico 24 – Distribuição em percentagem das respostas dos tutores com relação a vermifugação do seu animal.



Fonte: Autor, 2022

Ao final, após as explicações acerca do tema durante a aplicação dos questionários, todos os tutores (106) afirmaram entender a necessidade da vacinação para o bem-estar e saúde dos seus animais de estimação.

5 CONCLUSÃO

Mediante análises dos dados, o conhecimento dos tutores sobre as vacinas existentes para cães e gatos, independentemente da espécie que trouxeram para atendimento, mostrou-se satisfatório com relação a cães, no entanto com relação aos gatos a maioria possuía conhecimento apenas sobre a antirrábica e uma quantidade significativa de tutores não sabia sobre nenhuma vacina para os mesmos, ou seja, é necessária uma maior divulgação quanto a essa temática principalmente para tutores dos felinos. Sendo o principal motivo relatado pelo tutor de não vacinarem seus animais com a polivalente, a falta de conhecimento sobre ela.

As principais fontes de pesquisa dos tutores com relação à saúde de seu animal foram a internet e o médico veterinário, logo, é essencial usar principalmente meios digitais para orientar e propagar informações corretas quanto a vacinação dos cães e gatos.

Apesar de a maioria dos tutores não terem recebido orientação veterinária quanto à importância da vacinação, boa parte dos cães possuía vacina antirrábica e polivalente, no entanto, nem todos os tutores realizavam o protocolo adequadamente; já quanto aos gatos a maioria possuía apenas vacina antirrábica, o que sugere uma maior conscientização principalmente para os tutores dessa espécie. Ainda, a vacinação antirrábica em ambas as espécies tem sido adequadas.

Dessa forma, é necessária a realização de ações educativas com a população de tutores acerca da temática medicina veterinária preventiva, principalmente com relação a vacinação e o adequado protocolo, bem como a enfatizar a busca pelo médico veterinário para realização de aplicação das mesmas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, L. G. S. Importância da vacinação de cães em relação a parvovirose, cinomose e raiva. 23f. Monografia (Bacharelado em Medicina Veterinária - **Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos – Uniceplac**. Gama – DF, 2020.
- ANDRAUS, Maria Luiza Querino. Percepção e conscientização de tutores de cães quanto à importância da vacinação contra doenças virais. 2020. 52 f. **Universidade Federal de Uberlândia**, Uberlândia, 2021.
- APTEKMANN, K. P. et al. **Práticas de vacinação em cães e gatos no hospital veterinário da UNESP - Jaboticabal/SP**. *Ars Vet.*, p. 18-22, 2013. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lis-28665>. Acesso em: 11 ago. 2022.
- BABBONI, Selene Daniela; MODOLO, José Rafael. Raiva: origem, importância e aspectos históricos. **UNOPAR Científica. Ciências Biológicas e da Saúde**, p. 349-356, 2011.
- BRASIL. Boletim Epidemiológico. **Ministério da Saúde**, 2020. Disponível em: https://www.vs.saude.ms.gov.br/wp-content/uploads/2020/09/Boletim_Epidemiologico_Raiva.pdf. Acesso em: 22 nov. 2022
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Raiva animal**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/r/raiva/raiva-animal>. Acesso em: 22 nov. 2022
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Raiva humana**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/r/raiva/raiva-humana>. Acesso em: 22 nov. 2022
- CARON, L. F.; MACZUGA, J. M.; AMARO, F. P. A. A vacinologia em cães e gatos. **Archives of veterinary science**. v. 21 n.1 P. 1-10, 2016.
- CARVALHO, António Jorge da Silva. **Calicivirose felina: um estudo retrospectivo**. 2020. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa, Faculdade de Medicina Veterinária. Portugal.
- CASTRO, Neusa B. et al. Achados patológicos e imuno-histoquímicos em felinos domésticos com panleucopenia felina. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 34, p. 770-775, 2014.
- DAY, M. J. *et al.* Diretrizes para a vacinação de cães e gatos. **Journal of Small Animal Practice**, Inglaterra, v. 57, p. 699-706, jan. 2016.
- DAY, M. J. *et al.* Recomendações sobre a vacinação para médicos veterinários de pequenos animais da América Latina: um relatório do Grupo de Diretrizes de Vacinação da WSAVA. **Journal of Small Animal Practice**, [S. l.], p. 11. 2020
- DE BARROS PORTELA, Vanessa Alessandra; DE LIMA, Thais Melquiades; MAIA, Rita de Cássia Carvalho. Cinomose canina: revisão de literatura. **Medicina Veterinária (UFRPE)**, v. 11, n. 3, p. 162-171, 2017.
- DE CASTRO, Jacqueline Ribeiro et al. Leptospirose canina-Revisão de literatura. **PubVet**, v. 4, p. Art. 917-923, 2010.
- DE OLIVEIRA SANTANA, Weslei et al. Parvovírus canino: uma abordagem evolutiva e clínica. **Medicina Veterinária (UFRPE)**, v. 13, n. 4, p. 526-533, 2019.

DOMINGUES, Cinthya Fonseca. **Estudo da diversidade genética dos parvovírus de felinos domésticos do Estado do Rio de Janeiro (2008-2017)**. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

FONSECA, Nathália Dela-Sávia da. **Infecção por parvovírus felino em filhote: relato de caso**. 2019. xi, 40 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Medicina Veterinária) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

GEBRIM, Murilo Stefan; TOBIAS, Gabriela Camargo; TEIXEIRA, Cristiane Chagas. Cobertura das campanhas de vacinação antirrábica animal. **Revista de Atenção à Saúde**, v. 17, n. 61, 2019.

GILA, Lana Isabella. **Percepção e conscientização de tutores de gatos quanto à importância da vacinação contra doenças virais**. 2020. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

GONÇALVES, Bruna Aparecida Lima et al. Tratamento com Terapia Neural em cão com sequela de cinomose: Relato de caso. **PUBVET**, v. 13, p. 158, 2019.

GONÇALVES, Geovanna Santos et al. Hepatite infecciosa canina: uma revisão sobre a fisiopatologia e aspectos anatomopatológicos da doença. **R. cient. eletr. Med. Vet.**, p. 8 p-8 p, 2020.

GREENE, C. E. **Doenças infecciosas em cães e gatos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015. 2836 p.

HENZEL, Andréia; LOVATO, Luciane Teresinha; WEIBLEN, Rudi. Situação epidemiológica das infecções pelo herpesvírus felino tipo 1 e calicivírus no Brasil. **Ciência Rural**, v. 45, p. 1042-1049, 2015.

HUTIM, J. L.; BRAINER, M. M. de A.; DIAS, L. R.; NETO, R. F. Princípios da Guarda Responsável: Perfil dos tutores e manejo de criação adotados pela comunidade acadêmica do Instituto Federal Goiano Campus Ceres / Principles of Responsible Guardianship: Guardians' profile and management adopted by the academic community of the Instituto Federal Goiano Campus Ceres. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 13151–13167, 2022.

INAJOSA, Lilian Beatriz Rocha. Perfil de animais e tutores atendidos na XI ação pet em Belém-do-Pará. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina Veterinária) – **Universidade Federal Rural da Amazônia**, Campus Belém, PA, 2021.

INKELMANN, Maria A. et al. Hepatite infecciosa canina: 62 casos. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 27, p. 325-332, 2007.

JOHANN, J. M. et al. Serum survey for antibodies to coronavirus, herpesvirus, calicivirus, and parvovirus in domestic cats from Rio Grande do Sul, Brazil. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, v. 61, p. 752-754, 2009.

LABARTHE, N. et al. COLAVAC/FIAVAC – Estratégias para vacinação de animais de companhia: cães e gatos. **Clínica Veterinária**, [S. l.] v. 21, n 124, p. 114-120, set/out. 2016

LOPES, L. R. **Manejo de doenças infecciosas em gatos de abrigos**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013

MACHADO, Amanda Karen de Freitas. **Percepção dos tutores de cães e gatos do Distrito Federal sobre os princípios da guarda responsável e a influência no bem-estar animal e**

na saúde pública. 2019. 81 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Medicina Veterinária) — Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

MARIGA, Carollina et al. Análise clínica de cães com parvovirose. **PUBVET**, v. 16, p. 191, 2021.

MELO, Tuane Ferreira et al. Parvovirose canina: uma revisão de literatura. **Natural Resources**, v. 11, n. 3, p. 40-56, 2021.

MERCADO Pet Brasil 2022. **ABINPET** (Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação), 2021. Disponível em: <https://abinpet.org.br/dados-de-mercado/>. Acesso em: 13 set. 2022.

NOGUEIRA, Rebeca Milfont. **Estágio supervisionado obrigatório Relato de caso: Rinotraqueíte viral felina (Herpes vírus felino tipo-1) em filhotes de gatos doméstico (Felis catus).** 2018.

ODORIZZI, Rhaona Aparecida Gaest. **Aspectos imunológicos da leptospirose canina: revisão de literatura.** Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

OLIVEIRA, Eduardo C. et al. Hepatite infecciosa canina em cães naturalmente infectados: achados patológicos e diagnóstico imuno-histoquímico. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 31, p. 158-164, 2011.

OLIVEIRA, João Pedro Álvaro de. Choque séptico secundário à parvovirose canina: relato de caso. 2022.

PARVOVIROSE canina: como ocorre, abordagem clínica e formas de prevenção. **Portal Vet Royal Canin.** Disponível em: <<https://portalvet.royalcanin.com.br/saude-e-nutricao/trato-gastrointestinal/parvovirose-canina/>> Acesso em: 22 nov. 2022

PAULA JÚNIOR, Rogério Augusto de. RAIVA ANIMAL NO BRASIL – REVISÃO DE LITERATURA. **Rev. Cient. Eletr. de Med. Vet.** FAEF, n.37, nov, 2021

PEDRASSANI, D.; KARVAT, D. C. Conhecimento sobre bem-estar e guarda responsável de cães e gatos domiciliados e semi-domiciliados. **Rev. Ciênc. Ext.** v.13, n.4, p.55-63, 2017.

PIRES, Felipe Alves de Oliveira; CORRÊA, Fabrício Gonçalves. Relevância e alcance dos protocolos de vacinação em cães: estudo de caso da incidência de doenças infecciosas em cães no HVU-UNICEP: cinomose, parvovirose e leptospirose. **R. cient. eletr. Med. Vet.**, p. 14 p-14 p, 2020.

RIBEIRO, R. do N. **Percepção dos tutores a respeito da alimentação oferecida para seus animais de companhia na região do Brejo Paraibano.** Areia, João Pessoa-PB. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba/Centro de Ciências Agrárias, 50f, 2019.

ROCHA, Mariana Gonçalves. **Protocolo terapêutico do herpesvírus felino 1-** Revisão de Literatura. Brasília, 2021.

RODRIGUES, Cláudia Vanessa de Barros. **Prevalência de vírus da imunodeficiência felina, vírus da leucemia felina, calicivírus felino, herpesvírus felino tipo 1 e candida spp. em felinos errantes e possível associação a gengivo-estomatite crônica felina e a doença respiratória felina.** 2012. Tese de Doutorado. Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Medicina Veterinária.

SANTOS, A. P. L.; SANTOS, H. P. Leptospirose canina: conscientização e importância da realização de ações educativas de prevenção em uma comunidade no Maranhão / Canine

leptospirosis: awareness and importance of carrying out preventive educational actions in a community in Maranhão. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 1495–1505, 2021

SANTOS, Brenda Acunã Mendes dos. **Percepção dos tutores de cães e gatos residentes do Conjunto Gleba 1 (Marambaia, Belém-Pa) quanto à importância da vacinação**. 2021. Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus Belém, 2021

SANTOS, Mirelle Alves. **Tutores e cuidados realizados com cães e gatos em Rio Verde - Goiás**. Instituto Federal Goiano, Campus Rio Verde, 2021.

SILVA, Elís Rosélia Dutra de Freitas Siqueira et al. Leptospirose canina: revisão de literatura. **R. cient. eletr. Med. Vet.**, p. 11 p-11 p, 2020.

SILVA, Tássia Aires Mendes da. **Avaliação do nível de conhecimento dos tutores de cães e gatos sobre zoonoses e guarda responsável**. Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2022.

SOARES, Julie Nunes et al. **Avaliação de fatores de prognóstico em gatos internados com panleucopenia viral felina**. 2022. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa, Faculdade de Medicina Veterinária.

SUHETT, W. G. et al. Percepção e atitudes de proprietários quanto a vacinação de cães na região sul do estado do Espírito Santo-Brasil. **Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science**, v. 50, n. 1, p. 26-32, 2013.

TUDO o que você precisa saber sobre a Leptospirose canina. **VETSMART**, 2019. Disponível em: <<https://www.vetsmart.com.br/cg/estudo/13798/tudo-o-que-voce-precisa-saber-sobre-a-leptospirose-canina>> Acesso em: 26 nov. 2022

VACINAÇÃO de cães e gatos: as recomendações do Grupo de Diretrizes de Vacinação do WSAVA (Guideline de 2016). **VETSMART**, 2020. Disponível em: <<https://www.vetsmart.com.br/cg/estudo/13936/vacinacao-de-caes-e-gatos-as-recomendacoes-do-grupo-de-diretrizes-de-vacinacao-do-wsava-guideline-de-2016>>. Acesso em: 19 nov. 2022.

VELOSO, Raquel Alexandra Saldanha. **Panleucopenia Viral Felina: Percepção do Conhecimento dos Titulares de Gatos**. 2021. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa (Portugal).

WADA, Marcelo Yoshito; ROCHA, Silene Manrique; MAIA-ELKHOURY, Ana Nilce Silveira. Situação da raiva no Brasil, 2000 a 2009. **Epidemiologia e serviços de saúde**, v. 20, n. 4, p. 509-518, 2011.

YASUMITSU, CAROLINA YUKA et al. Leptospirose Canina: Relato de Caso. **Uningá Review**, v. 34, n. S1, p. 36-36, 2019.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO - VACINAÇÃO

Título: Percepção dos tutores de cães e gatos atendidos no Hospital Veterinário da Universidade Federal da Paraíba quanto à importância da Vacinação.

TUTOR:

1 – Grau de escolaridade:

- ☐ Ensino Fundamental Incompleto
- ☐ Ensino Fundamental Completo
- ☐ Ensino Médio Incompleto
- ☐ Ensino Médio Completo
- ☐ Ensino Superior Incompleto
- ☐ Ensino Superior Completo

2 – Reside em:

- ☐ Zona Urbana ☐ Zona Rural

3 – Tem acesso à internet?

- ☐ Sim ☐ Não

4 – Renda familiar:

- ☐ Menos de 1 salário
- ☐ 1 a 2 salários
- ☐ Acima de 2 salários

ANIMAL DE ESTIMAÇÃO:

5 – É tutor de (espécie):

- ☐ Gato / Quantos _____
- ☐ Cachorro / Quantos _____

Quantos cães e gatos no total? _____

6 – Espécie do animal que trouxe para atendimento no Hospital Veterinário:

- ☐ Gato ☐ Cachorro

7 – Sexo do animal:

- ☐ Macho ☐ Fêmea

8 – A idade do animal:

- ☐ Menos de 1 ano
- ☐ Entre 1 e 7 anos
- ☐ Entre 8 e 12 anos
- ☐ Acima de 12 anos

9 – Ambiente em que o animal vive:

- ☐ Dentro de casa
- ☐ Acesso à rua
- ☐ Passeios com o tutor
- ☐ Quintal/Área externa



10 – O animal tem contato com outros animais, além dos de casa?

- ☐ Sim ☐ Não

11 – O animal tem contato com roedores?

- ☐ Sim ☐ Não

12 – Frequência com que leva o animal ao médico veterinário?

- ☐ Quando adoece
- ☐ Anualmente
- ☐ Primeira vez
- ☐ Regularmente

CUIDADOS PREVENTIVOS:

13 – Sabe a importância da vacinação em cães e gatos?

- ☐ Sim ☐ Não

14 – Já recebeu alguma orientação de Médico Veterinário sobre a importância da vacinação?

- ☐ Não ☐ 1 vez ☐ Algumas vezes

15 – Qual a fonte que você mais utiliza para busca de informações com relação a saúde de seu animal?

- ☐ Internet e redes sociais
- ☐ Amigos que têm animais de estimação
- ☐ Médico Veterinário
- ☐ Balconistas (Farmácia, Petshop)

16 – Sabe quais vacinas têm para cães?

- ☐ Nenhuma
- ☐ Vacina antirrábica (campanha anual)
- ☐ Vacina polivalente
- ☐ Não sei dizer

17 – Sabe quais vacinas têm para gatos?

- ☐ Nenhuma
- ☐ Vacina antirrábica (campanha anual)
- ☐ Vacina polivalente
- ☐ Não sei dizer

18 – Que vacina(s) seu animal já recebeu?

- ☐ Ainda nenhuma
- ☐ Antirrábica (campanha anual)
- ☐ Polivalente
- ☐ Não sabe Informar

19 – Quem realiza a(s) vacina(s) no seu animal?

- ☐ Pessoas da Campanha de vacinação
- ☐ Médico Veterinário
- ☐ Balconista/Vendedor de Petshop ou de Casa Agropecuária
- ☐ Outro, quem: _____

20 – Caso o animal não seja vacinado com a polivalente, informe o motivo:

- ☐ Não sabia sobre a vacina
- ☐ Falta de tempo ou esquecimento
- ☐ Motivos financeiros
- ☐ Dificuldade por possuir muitos animais em casa

21 – Faz o reforço anual da(s) vacina(s) do seu animal?

- ☐ Não
- ☐ Sim, da antirrábica. Não sabia que tinha que fazer da polivalente.
- ☐ Sim, antirrábica. Não da vacina polivalente por falta de tempo/esquecimento, ou acha que o animal não precisa
- ☐ Sim, polivalente e antirrábica.
- ☐ Ainda no protocolo inicial (filhote).
- ☐ Sim, da antirrábica. Não da polivalente por motivos financeiros.

22 – Seu animal tem ectoparasitas (carrapatos, pulgas, ...)?

- ☐ Não
- ☐ Carrapatos
- ☐ Pulgas
- ☐ Piolhos

23 – Qual o intervalo de tempo que faz o controle de ectoparasitas no seu animal?

- ☐ Só quando aparece
- ☐ Anualmente
- ☐ Regularmente
- ☐ Nunca fiz o controle

24 – Seu animal toma remédio de verme?

- ☐ Nunca tomou
- ☐ Anualmente
- ☐ Regularmente

25 – Após essas explicações, você entende a necessidade da vacinação para o bem-estar e saúde do seu animal?

- ☐ Sim
- ☐ Não

